



Universidade da Amazônia

Abel e Helena

de Artur Azevedo

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Abel e Helena

de Artur Azevedo

Personagens

Abel, professor público
Nicolau, fazendeiro
Pantaleão de Los Rios
Cascais, vigário da freguesia
Alferes Andrade, comandante do destacamento
Góis & Companhia, negociantes
Filomeno, sacristão, sineiro, etc.
Eustáquio, ferreiro
Helena, afilhada de Nicolau
Pedrinho
Juca Sá, estudante de férias
Benjamin
Marcolina, mucama
Um feitor
Um empregado do correio

Devotas, rapazes, negros, povo, músicos etc.

A cena passa-se em uma freguesia da província do Rio de Janeiro.
Atualidade.

ATO PRIMEIRO

QUADRO PRIMEIRO

A MISSA

Praça pública. Ao fundo a Matriz e a casa de residência do Padre Cascais. É dia de festa.

CENA I

Povo, depois **Cascais e Filomeno**

(Ao erguer do pano, homens e mulheres, defronte da porta de Cascais, apresentam flores, frutas, velas de cera e frango. Flores em mais abundância.)

Coro

Aceite, ó senhor padre, os mimos que lhe dão
de coração
os que aqui 'stão
com devoção!
E lhe pedimos já cheíssimos de fé,

que rogue a Deus por nós, se nosso amigo é.

Aceite, ó senhor padre etc.

Uma Rapariga (Oferecendo um ramalhete a Cascais.) — Aceite estas cravinas aceite por favor

Não são tão purpurinas?

Não têm tão linda cor?

Outras Raparigas — Se o seu padre não aceita este raminho já, tomamos por desfeita e não voltamos cá...

Coro

Aceite estes presentes,

se nos quer ver contentes.

Aceite ó senhor padre, etc.

(Acabado o coro, continua a música na orquestra, enquanto o povo depõe os seus presentes nas mãos de Filomeno, e vai se retirando.)

CENA II

Cascais e Filomeno

Cascais — Guarde tudo isso, seu sacristão.

Filomeno — Sim, senhor vigário. (Vai aos poucos levando as oferendas para a casa de Cascais.)

Cascais — Ora, valha-me Deus! Que presentes! Que presentes! Duas velas de cera, apenas um frango, e flores, flores, e mais flores! (Com desgosto.) Pra que flores? — Ah! Já vai o tempo dos perus e das galinhas gordas... O tempora, o mores! E viva um pobre vigário da modesta côngrua! Já não há fé nos vigários! Já não há fé nos vigários!

Filomeno — Não é tanto assim, senhor vigário; o seu colega de Itapiri...

Cascais — É exato. É o homem mais feliz que conheço. Até o sermão de hoje mo tiraram para dar-lho, a ele! E levam-lhe bois, porcos, sacos de farinha e de feijão...

Filomeno — Deve fazer bom negócio...

Cascais — Ora se faz! Mas por cá é o que você está vendo: flores, flores e mais flores! (Como quem se resigna.) Enfim! Você há de levar este ramalhete à comadre... (Dá-lhe um ramalhete que tem conservado na mão.)

Filomeno — Sim, senhor vigário.

Cascais — E o sino?! Trouxeram o sino, que tinha ido ao mestre ferreiro, para segurar o badalo?

Filomeno — Ainda não.

Cascais — Como ainda não?!

Filomeno — Estou à espera...

Cascais — Olhe que hoje não podemos passar sem sino! Um dia de tanto júbilo! Festa literária depois da missa das dez...

Filomeno — Vossa Reverendíssima não me explicará o que vem a ser essa festa literária?

Cascais — Coisas do Senhor Pantaleão de los Rios, que não tem mais o que fazer! Dá um prêmio a quem decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmática e glosar um mote! Ah! Senhor Pantaleão, Senhor Pantaleão! *Ne sutor ultra crepidam.*

Filomeno — Ora o Seu Pantaleão!

Cascais — Já vê você que não podemos passar sem o sino! Preciso do sino!

Filomeno — Falai no mau. Aí vem o Mestre Eustáquio com ele. (Eustáquio entra pela direita carregando um pequeno sino.)

CENA III

Os mesmos e **Eustáquio**

Cascais — Então, Mestre Eustáquio, que demora foi essa?

Eustáquio — Vossa Reverendíssima desculpe; mas estive ocupado a arranjar umas ferraduras para o senhor juiz de paz, e... Mas cá está o sino, e desta vez, bem seguro o badalo.

Cascais — Veja lá se o arranca de novo, seu sacristão!

Eustáquio — Olhe! (Agita o sino.)

Cascais (Precipitando-se para sufocar o som.) — Pare, pare, homem de Deus! Vai o povo persuadir-se de que o estou chamando à missa...

Eustáquio — Desculpe...

Cascais — Também já são horas. Ali vêm algumas devotas e entre elas a juíza da festa. Vamos, seu sacristão, leve o sino para a torre, pregue-o no lugar, e chame à missa. (Filomeno entra na igreja com o sino. A Eustáquio.) Este sacristão acumula, hein? Ele é sacristão, sineiro, oficial de justiça, vende cera e faz a escrita da loja do Polidoro. (Outro tom.) Mestre Eustáquio, venha amanhã receber as duas patacas do ajuste.

Eustáquio — Não há novidade... (Vai-se.)

CENA IV

Cascais e a juíza da festa, devotas de mantilha, Helena e Marcolina

Cascais (À juíza da festa.) Viva a juíza! Entre, Dona Bárbara! (Acompanha-a até a porta da igreja. Nisto entra Helena acompanhada por Marcolina. Helena, durante o coro, cumprimenta o vigário.)

Coro de Devotas Moças

—Eis de sinhá, falange honesta
que também vem gozar a festa,
pois jovem ser não é razão
que justifique a reclusão

Helena — Ah! Que satisfação ser moça como eu sou!

O coração se me alvoroça!

Quem foi que amores inventou?

(Filomeno tem aparecido na torre da igreja, e prega o sino a uma pequena trave.)

Helena — Meu coração palpita, pulsa por quem chegar vai hoje aqui!

Sinto-me, ó céus, toda convulsa, como jamais me senti.

Mas, ah! não sei se meu padrinho me deixará ou não casar com meu benzinho.

II

Ele não tem ...(Faz sinal de dinheiro.)

A ver navios

eu ficarei talvez, até,

só porque dois sacos vazios

não se poderão ter em pé.

Mas, ah! Não sei se meu padrinho
me deixará ou não casar com meu benzinho
(Continua a música. O coro entra na igreja. O vigário vai a entrar também, mas
Helena o agarra e obriga-o a descer com ela à cena. Marcolina conserva-se no
fundo.)

CENA V

Helena, Cascais e Marcolina

Helena— Dá-me uma palavrinha?

Cascais — Duas e três, se quiser, mas a missa...

Helena — Tem tempo. (Cessa a música.)

Cascais — Estou às suas ordens...

Helena (Dando com Marcolina.) — Vá para a matriz, Marcolina.

Marcolina — Iaiá, sinhô velho me disse que não deixasse vossemecê sozinha.

Helena — Faze o que te digo!

Marcolina — Tá bom, eu vou mas depois não quero cumo-chama comigo. (Entra na igreja.)

CENA VI

Helena e Cascais

Helena — Padre vim reclamar sua proteção.

Cascais — Minha proteção, Dona Heleninha? Explique-se.

Helena — Padre, eu já estou em idade de casar-me: vinte e quatro anos não são vinte e quatro horas.

Cascais — Ciente.

Helena — À última vez que estive na corte, quis o destino que me encontrasse com ele.

Cascais — Ele quem?

Helena — Abel.

Cascais — Que Abel?

Helena — Um moço que se apaixonou por mim e por quem tive a fraqueza de me apaixonar.

Cascais (Sorvendo uma pitada.) — Ciente.

Helena — Desde que voltei para a roça, a sua imagem não me saiu mais do coração. Ai! o padre não sabe o que é o amor!

Cascais — Tolutur questio

Helena — Amo-o como só se ama uma vez.

Cascais — Deveras?

Helena — E Abel não tarda aí!

Cascais — Aí onde?

Helena — Aqui.

Cascais — Aí aqui?

Helena — Por um desses meios difíceis que só lembram os namorados, Abel conseguiu que uma cartinha me chegasse às mãos.

Cascais — Por meio de alguma pomba?

Helena — Agora apresentou-se candidato à cadeira de primeiras letras cá da freguesia, fez o exame e apanhou o lugar.

Cascais — Mas, enfim, o que deseja de mim, Dona Heleninha?

Helena — Sua proteção, repito. Abel é muito pobre e meu padrinho e tutor, como Vossa Reverendíssima sabe, só quer casar-me com sujeito rico. Como Vossa Reverendíssima exerce influência em dindinho, escrevi a Abel, dizendo-lhe que o procurasse.

Cascais — A quem? ao dindinho?

Helena — Nada! Ao padre. Peço-lhe que seja seu amigo e o apresente a dindinho, já sabe: com alguma recomendação. Ah! ele! sempre ele!

Cascais — Ele quem?

Helena — O caiporismo. Já estou ficando tia, e nada de novo!

Cascais — Tia, Dona Heleninha! A senhora, tia! Distingo!

Helena — Se dindinho não consente em meu casamento com Abel, mato-me! (Ouve-se rumor fora.)

Cascais (Depois de olhar à direita.) — Ai, ai! Quem vem ali! Está na terra aquele vadio?!

Helena — Quem?

Cascais — O Pedrinho! Vem deitar a freguesia de pernas para o ar! e com que súcia! Entre, Senhora Heleninha, entre...

Helena — Não se esqueça de mim, padre...

Cascais — Hei de fazer o possível. (Helena entra na igreja.) Com toda a certeza o Nicolau abana as orelhas, mas tudo se há de arranjar.

CENA VII

Cascais, Pedrinho, Benjamin, Juca Sá e rapazes vadios da freguesia, dos quais um toca flauta e o outro violão

Os Rapazes (Entrando ruidosamente e envolvendo Cascais.) — Ora viva o senhor vigário! Viva!

I

Pedrinho (A Cascais.) — Na cidade me aborrecia: as férias cá passar, pois vim, e trouxe em minha companhia o Juca Sá e o Benjamin (Apresentando Juca Sá e Benjamin a Cascais.)

O Benjamin e o Juca Sá! que lhos apresente consinta.

Cascais — Grande prazer é o que me dá! Senhores eu tenho a distinta ...

Pedrinho — O Benjamin e o Juca Sá!

Todos — O Benjamin e o Juca Sá!

(Dançam em volta de Cascais.)

 Tsing lá, tsing lá lá!
 Lá rá lá rá, lá rá lá rá!

II

Pedrinho — Sem mais extensos palanfrórios: estudantes ambos e dois: não passam dos preparatórios...

Hão de os fazer lá pra depois...

O Benjamin e o Juca Sá! que lhos apresente consinta.

Cascais — Grande prazer é o que me dá!

Senhores eu tenho a distinta...

Pedrinho — O Benjamin e o Juca Sá!

Todos — O Benjamin e o Juca Sá!

(Repetem com mais vivacidade as danças.)

 Tsing lá lá, tsing lá lá!

 Lá rá lá rá, lá rá lá rá!

(No fim das coplas, acha-se de novo Cascais envolvido no grupo.)

Pedrinho — Ora ouça o que aqui nos traz, senhor vigário: saltei do trem, há pouco, com os meus dois colegas. Conhece-os? Apresento-lhe os senhores...

Cascais — Basta! Basta! Você já mos apresentou por música.

Pedrinho — Havíamos-nos reunido a esta rapaziada, quando vimos de longe negrejar a túnica de Vossa Reverendíssima. — O que é aquilo? — O quê? — Aquele ponto negro? — Aquilo é o vigário! — Ah! é o vigário aqui da freguesia? Perguntou o Benjamin. — Como se chama? Acrescentou o Juca Sá. — Cascais, respondi eu. — Cascais? o ilustre Cascais?! — É o próprio. — Quero vê-lo de perto! — Queremos vê-lo! — E aqui estamos. (A Benjamin e Juca Sá.) Rapazes, aqui têm o vigário! Que tal o acham?

Benjamin — Bom

Juca Sá — Muito bom.

Cascais — Meus bons amigos, a companhia é muito agradável, mas... Com licença... Os deveres do meu cargo estão a reclamar-me.

Pedrinho — Nada de cerimônias, senhor padre, nada de cerimônias; faça de conta que está em sua casa... (Cascais entra na igreja.)

CENA VIII

Pedrinho, Benjamin, Juca Sá e rapazes.

Benjamin — Então, não vamos à missa?

Pedrinho — Qual! Vocês ainda não viram a vila. Quero mostrar-lhes todas as curiosidades.

Juca Sá — Ora! Na matriz é que está o madamismo!

Pedrinho — O madamismo é uma das curiosidades, lá isso é!...

Benjamin — Nada conheço mais curioso do que a mulher.

Pedrinho — ... Mas teremos tempo de sobra para apreciá-lo, e com todos os ff e rr, em casa do Senhor Pantaleão de los Rios.

Benjamin — Quem é esse Senhor Pantaleão de los Rios?

Pedrinho — É o delegado literário da freguesia: um espanhol que aqui reside há muito tempo; está naturalizado brasileiro, e tem a mania de ser literato.

Benjamin — Nesse caso, é também uma das curiosidades?

Pedrinho — É. Acaba de promover nada menos que uma festa literária!

Benjamin — Uma festa literária? Conta-nos lá isso!

Pedrinho — Vocês hão de ver. (Ao da flauta.) Ó Frederico, para que horas está marcada a festa em casa do los Rios?

O da Flauta — Para o meio dia.

Pedrinho — Já vêem vocês que temos tempo de percorrer a vila.

Benjamin — Siga a passeata!

Juca Sá — Viva a pândega!

Pedrinho — Olha essa música! (Os rapazes tocam. Saída ruidosa. Repetição do último coro: Tsing lá lá etc.)

CENA IX

Abel, com uma mala na mão, acompanhado de um negro que traz um baú na cabeça, depois **Cascais**.

Abel — Então, é esta a casa do vigário? (O negro afirma.) Vejamos. (Vai bater à porta do vigário.)

Uma Voz de Mulher — Quem é?

Abel — Sou eu. Está em casa o vigário?

A voz — Não, senhor: está aí apegado na matriz.

Abel — Obrigado. (Dirigindo-se para a igreja.) Pelo que vejo há festa hoje por cá... (Cascais sai da igreja, sem reparar em Abel.)

Cascais (Consigo.) — Está lá dentro um calor... Engrolei uma missa em três tempos! Já tenho habituado este povo a ouvir missas instantâneas, como as fábulas do Mosquito. Agora está pregado o colega de Itapiri.

Abel — Vossa Reverendíssima não é o vigário cá da freguesia?

Cascais (Modestamente.) — À falta de homens...

Abel — Pode dar-me uma palavrinha?

Cascais — Estou às suas ordens, mas.. se trata de ir confessar alguém muito longe da freguesia... Em dia de festa...

Abel — Não se trata disso. Primeiro que tudo, consinta que este preto vá a deixar em sua casa aquele baú e esta mala...

Cascais — Mas...

Abel — Descanse. (Dando a mala ao negro.) É por uma hora, se tanto. (Ao negro.) Leva isso lá para dentro. (O negro entra com a carga em casa de Cascais.) Vossa Reverendíssima não recebeu uma cartinha de seu irmão, o Senhor Doutor Cascais?

Cascais — Uma carta de meu irmão? Há dois meses que não escreve! (O negro sai de casa de Cascais; Abel vai ter com ele e dá-lhe dinheiro. Sai o negro.)

CENA X

Abel e Cascais

Abel — Veja como são as coisas! Eu queria trazer a carta para trazer em mão própria... É uma carta de recomendação...

Cascais — Ciente.

Abel — Mas o Doutor Cascais me disse que seria melhor viesse a carta adiante, porque, assim, Vossa Reverendíssima preparar-se-ia para receber-me. Mas não importa!

Cascais (Apontando para a direita.) — Olhe, ali vem o caixeiro do agente do correio; talvez traga a carta.

Abel — Queira Deus que assim seja.

CENA XI

Os mesmos e um **Empregado do Correio**

O Empregado do Correio (Entrando a Cascais.) — Seu padre-mestre, a benção! O patrão manda pedir-lhe muitas desculpas, por não lhe ter mandado entregar logo esta carta. Estava metida em outros papéis e ninguém deu por ela.

Cascais — Está bom, dê cá. (a Abel.) É a história eterna dos nossos correios.

O Empregado do Correio — Passar bem, seu padre-mestre.

Cascais — Viva! (O Empregado do Correio sai.) É, na verdade, letra de meu irmão. Como está ele? Bem? Gordo?

Abel — Bem gordo; (Vendo que Cascais arranca o selo da carta e guarda-o.) Para que guarda isso?

Cascais — Eu faço coleção de selos...

Abel — Ah!

Cascais (Abrindo a carta.) — Dá licença?

Abel — Essa é boa...

Cascais (Lendo, com acompanhamento na orquestra.)

“Com a saúde que se quer
vá te achar esta cartinha,
pois vai menos mal a minha,
como a de minha mulher.

Para essa freguesia
nomeado professor,
para lá segue o Senhor

Abel de Souza Faria (Abel cumprimenta.)

A amizade que me tem
a apresentar-to me impele:
o que fizeste por ele
a mim me farás também.

Um verdadeiro romance
hás de ouvir de meu rapaz,
e, nesse ponto, far-lhe-ás
o que for a teu alcance.

Sem assunto para mais
— sou teu irmão obrigado,
venerador e criado,

Ambrósio Teles Cascais.” (Cessa a música.)

Quanto ao romance de que fala meu irmão, ciente. A Senhora Dona Heleninha contou-me tudo. Antes desta (Mostra a carta.) já tinha recebido a sua recomendação.

Abel — E então? O que acha Vossa Reverendíssima de tudo isto? Venço ou não venço?

Cascais — Não vence. Asseguro-lhe que o senhor não vence. A vitória estará sempre do lado do Nicolau, o padrinho e tutor de Dona Heleninha.

Abel — Mas Reverendo, esse homem não me conhece! Nunca lhe pedi, nem ele me recusou coisa alguma!

Cascais — Senhor Abel, eu não sou homem de paliativos. Gosto das coisas - anda mão, enfia dedo. Se o senhor for pedir ao Nicolau a mão da afilhada, não ganha terreno; perde, ao contrário: escabreia o homem! O Nicolau de vez em quando retira-se de casa e vai passar um, dois, três dias na fazenda. Deixa a casa entregue à afilhada e a afilhada aos fâmulos.

Abel — Deveras?

Cascais — Deveras. Na primeira ocasião que se oferecer, tire a menina de casa e traga-a cá, que os casos.

Abel — Mas o Nicolau é capaz de zangar-se com Vossa Reverendíssima.

Cascais — Deixe estar, eu cá me arranjo. Todo o meu desejo é uni-los e para isso, envidarei bons esforços. Agora, diga-me cá: é certo que faz mestre-escola só para estar perto de sua pretendida?

Abel — Assim foi... Olhe que sempre fui muito atrevido.

Cascais — Como assim?

Abel — Não entendo patavina da matéria em que fui examinado.

Cascais — Está brincando. Isso pode lá ser!

Abel — Duvida, Reverendíssimo? Não sabe o que é empenho?

Cascais — Não sei, não sei! Pois se não fosse ele, o empenho, teria eu esta modesta cônica?

Abel — Pois o empenho e o amor fizeram responder a perguntas de gramática àquele que nem por fora a conhecia!

Cascais — Horresco referens!

Abel — Sabe quem foi um de meus examinadores? Adivinhe.

Cascais — Quem foi?

Abel (A rir.) — Seu irmão.

Cascais — O Ambrósio! Ah! Ah! Ah!... (Dando uma pancadinha no ventre de Abel, e arrependendo-se, gravemente.) Oh! Perdão.

Abel — Ouça e pasme.

Rondó

Quando fiz o meu exame,
veio ter comigo o doutor
e disse: — Nada de vexame!
Sou seu examinador...

Olaré! que os professores
assim são feitos é que são!
Com tais examinadores
fazem sempre um figurão!

— Este nome, ele me disse,
que valor é que aqui tem?
Respondi-lhe uma tolice,
mas valeu-me um — Muito bem!

A mais de um adjetivo
eu chamei de conjunção;
o verbo era substantivo,
e o advérbio interjeição!...

Olaré! tantas sandices
de mim próprio nunca ouvi!
Olaré! mil parvoíces
disse, disse e repeti...
Repeti, e repeti...

O auditório, de espantado,
muita vez fazia assim: (Abre a boca.)
mas eu, muito sossegado,
estava bem senhor de mim!

Oh! que exame esbodegado!
Oh! que exame malandrim!
O doutor estava calmo,
mas assim como quem diz:
— Ele não enxerga um palmo
adiante do nariz...
Olaré! que vale o estudo,
se o patau consegue tudo
o que quer em meu país?
Aprovado plenamente,
minha carta, enfim tirei,
e venho escandalosamente,
ensinar o que não sei.

Olaré! minha pequena
bem contente vai ficar!
Olaré! Abel e Helena
afinal vão se juntar !

Cascais (Apertando-lhe a mão.) — Muito bem! Fez uma belíssima figura! Os meninos cá da freguesia sabem, felizmente para o senhor, distinguir o adjetivo do substantivo. É o que lhe vale. Aprenderá com eles... (Aparece o Filomeno de novo na torre, e põe-se a repicar.) Hein? Está acabado o sermão? Depressa! (A Abel.) Vai ter o prazer de ver Dona Heleninha.

(Música na orquestra; saem os que tinham entrado na igreja, dispersam-se e desaparecem. Helena sai por último, acompanhada sempre por Marcolina.)

CENA XII

Cascais, Abel, Helena, Marcolina e Povo

Cascais (Baixinho a Abel, apontando para Helena) — *Audaces fortuna juvats!* (Entra em sua casa. O povo tem desaparecido completamente.)

CENA XIII

Abel, Helena, Marcolina depois Cascais

Abel (Correndo para Helena.) — Helena!

Helena (Tomando-lhe as mãos.) — Abel! (Permanecem embevecidos, a olhar um para o outro.)

Marcolina (Depois de alguma pausa.) — Iaiá! (Aparece Cascais à janela de sua casa.)

Helena — Abel!

Abel — Helena!

Cascais (Consigo.) — A bela Helena... há uma tragédia com este título.

Marcolina — Iaiá, vamo prá casa.

Helena — Vai esperar ali na esquina.

Marcolina — Depois sinhô velho me ralha...

Helena — Vais ou não vais?

Marcolina — Tá bom! Depois não quero cumo-chama. (Sai.)

CENA XIV

Abel, Helena e Cascais, à janela

Abel — Finalmente estamos sós.

Helena — Não imaginas como estou satisfeita!

Abel — Mas a minha presença não basta, minha boa Helena... Teu padrinho, segundo me informou nosso reverendo protetor, é o homem mais inexorável desta vida... Em vez de buscar ardis que podem falhar, o melhor seria darmos logo... o golpe de estado!

Helena — Como o golpe de estado?

Abel — A fuga!

Helena — A fuga!

Abel — Fugamos, sim! Fugamos para bem longe, onde não nos possa chegar aos ouvidos a maldição importuna que ele te há de lançar! Gozemos de nosso amor no meio das florestas, ao ciciar da brisa, ao arrular da rola, ao murmurar da cascata...

Cascais (Consigo) — *Tytire, tu patulae recubans...*

Abel — Fugamos, sim! Oh! Não me digas que não! Não tragas o desespero a este coração que é teu, e que despedaçarias, se o contrariasses, Helena!

Helena — Mas o que dirá dindinho, a quem devo tantos favores?... a única pessoa que me tem valido neste mundo, e que, apesar da vontade que quer exercer em meu destino, ama-me como sem fosse meu pai?

Abel — E o que dirá teu amante? O que dirá aquele que, por teu respeito, deixou os prazeres ruidosos da corte, para sepultar-se na roça?... Que, por teu respeito, expõe-se a apanhar uma carga de chumbo, ou pelo menos, uma dita de pau, de algum malfeitor, peitado por teu dindinho?... Que, por teu respeito, confundiu advérbios com substantivos diante de um auditório, que sabia distinguir substantivos de advérbios?...

Helena — Meu Abel!

Abel — Oh! Mas o que importa? Eu, nesse momento, só pensava em ti. Quem pode saber gramática, quando sente o coração invadido pelo amor? Quem pode amar quando tem a cabeça sublocada pela gramática?

Cascais (À parte.) — Coitadinho...

Helena — Como és bonito, Abel!

Abel (Com faceirice.) — Helena!

Cascais (Arremedando-o.) — Ai, gentes!

Helena — Deixa ver-te de perfil... Vira-te um poucochito!... De três quartos agora... Como és lindo, meu bem! Agora do outro lado... Este sinalzinho dá-te uma graça... Levanta a cabeça... Não abras a boca... Admirável!

Abel — Mas, afinal de contas, em que ficamos?

Helena — Ficamos em que estou por tudo que quiseres.

Abel — Bem, faremos por afastar teu padrinho, e, vendo-o pelas costas...

Helena — O golpe de estado!

CENA XV

Os mesmos e **Marcolina**

Marcolina — Iaiá, Iaiá, vamos embora!

Helena — Tens razão, Marcolien. (Dá a mão a Abel.)

Abel — Até sempre, Helena... (Pausa.) Adeus!

Helena (Vai saindo e volta.) — Olha: se a desgraça...

Marcolina — Iaiá!

Helena (De mau humor, a Marcolina) — Espera, diabo! (A Abel.) Olha: se a desgraça for persistente...

Abel — Morramos juntos! (Helena retira-se, acompanhada de Marcolina. Abel entra em casa de Cascais, que fica só, à janela.)

Cascais (Levantando as mãos para o céu.) — *Improbus amor, quod, mortalia pectora cogis!*

Mutação

QUADRO SEGUNDO

CENA ÚNICA

Cascais, Pedrinho, Benjamin, Juca Sá, e povo, depois sucessivamente, **Góis & Companhia, Alferes Andrade, Nicolau, Helena, Pantaleão**, quatro músicos italianos, depois **Abel**, e, afinal um feitor

Coro e Marcha

— Chega, chega, minha gente,
a casa do inteligente
literato Pantaleão!
Muita comida e bebida
(Isto é coisa decidida!)
deve haver nesta função.

(Durante o coro colocam dois negros algumas cadeiras à direita.)

Góis & Companhia — (Entrando.)

I

— Somos Góis & Companhia qualquer mais cotó!

Góis — Nos vimos um bom dia lá no Cabrobó.

Companhia — Desde então — quem tal diria? Somos dois e um só!

Coro

— Eis o Góis & Companhia,
qualquer mais cotó!

II

Alferes Andrade (Entrando.) — Eis o Alferes Andrade que vem se mostrar!

Incompatibilidade entre o militar e o escritor, em verdade, ninguém pode achar!

Coro

— Eis o Alferes Andrade,
bravo militar!

Nicolau (Entrando com Helena, que vai se sentar à direita.)

III

— Eis o padrinho de Helena!
Eis o Nicolau!
Quero casar a pequena

porém, sem...(Sinal de dinheiro.)

babau!

Mas enfim não vale a pena
me fazer de mau. (Senta-se ao lado de Helena.)

Coro

— Eis o padrinho de Helena!

Eis o Nicolau!

Pantaleão (Entrando.) — Este pimpão literato é o Pantaleão!

Vou dar sem espalhafato, uma reunião, só para ver se combato o ignorantão!

Coro

— Este pimpão literato
é o Pantaleão.

Repetição do Coro

Chega, chega, minha gente etc.

(Durante o coro, tomam todos lugares. O povo e os músicos no fundo. Entra Abel e confunde-se com o povo.)

Pantaleão — Está aberta a sessão! Tem a palavra, como presidente desta reunião, meu amigo, compadre...

Pedrinho —... e quase parente...

Pantaleão — ... Senhor Nicolau Madureira.

Nicolau (Ergue-se. Pausa.) — Meus senhores e minhas senhoras... Não! Quero dizer: Minhas senhoras e meus senhores... (As mulheres primeiro, depois os homens)... eu não estou acostumado... eu não tenho o hábito... eu não tenho o hábito de falar em público... (Por esse lado nunca irei à glória)... Meus senhores... Minhas senhoras e meus senhores... Não!... meus... minhas... eu não tenho o hábito de falar em público... de falar em público... em público...

Alferes Andrade — Está bom! Já se sabe!

Nicolau — Minhas senhoras e meus senhores, ei não tenho o hábito de falar em público... eu não tenho o hábito... (Hilaridade. Nicolau protesta.) ... O hábito da rosa! (Baixo a Helena.) Isto foi para não dizer sempre a mesma coisa... (Aos circunstantes.) Eu não tenho a prática... (Satisfeito por ter achado outro termo.) A prática! a prática!... Eu não tenho a práticas das lides oratórias... Consentiu, minhas senhoras e meus senhores, que eu presida sem falar e que aqui o compadre Pantaleão fale sem presidir. (A Pantaleão.) Compadre, restituo-lhe a palavra! Mande vir um copo de água para molhar a minha. (Pantaleão faz um sinal a um negro que sai. Nicolau senta-se. Silêncio.)

Pedrinho — Fale o dono da casa.

Todos — Apoiado. (O negro volta; traz uma bandeja com dois copos d'água. NICOLAU serve-se de um e Pantaleão toma conta de outro.)

Pantaleão (Erguendo-se e deitando o copo sobre a cadeira em que estivera sentado.) — Povos desta freguesia, não é a uma festa vulgar que aqui vindes assistir! Não se trata de batizar alguma criança, isto é, de encher o pandulho à minha custa! (Bebe um gole de água.)

Pedrinho — Mesmo porque, se houvesse rega-bofes, a entrada não seria franca...

Benjamin — Não interrompas o orador! Adiante!

Pantaleão — Este dia é especialmente consagrado às coisas da inteligência! Nós temos capitalistas, proprietários, fazendeiros, negociantes, etc; mas ah! não temos literatos!...

Todos — Apoiado! Apoiado!

Pantaleão — Esta freguesia embrutece-se! (Bebe um novo gole d'água.)

Todos — Apoiado! Apoiado!

Pedrinho — Viva a adesão!

Pantaleão (Apontando para Pedrinho, Benjamin e Juca Sá.) — Aqui estão estes senhores: três estudantes, isto é, três homens do futuro! Os moços que a pátria contempla com alguma esperança, que vivem mais em contato do que nós com a literatura, que são da corte, que o digam: Meninos... mancebos! em algum dos que aqui estão achais uma fisionomia que indique as longas noites de insônia passadas na companhia amiga de um bom livro?

Pedrinho (a Benjamin e Juca Sá.) — Vamos procurar! (Examinam, cada um de seu lado, as caras dos circunstantes e voltam a seus lugares. O Alferes Andrade fica muito despeitado.) O senhor vigário é o que tem a melhor cara

Benjamin — Nem uma olheira!

Juca Sá — Nada!

Pantaleão — E, caramba, isto é uma pouca vergonha!... (Com o caramba! Se Pantaleão alguns se assustam. Góis & Companhia, que estavam a cochilar, caem sentados. O alferes desembainha instintivamente a espada. Restabelece-se o silêncio.) A fim de descobrir entre nós homens de talento foi que instituímos este concurso. Todos, sem distinção alguma, serão igualmente admitidos. (Bebe outro gole d'água.) São três as provas de hoje: decifrar uma charada, responder a uma pergunta enigmática e glosar um mote. Quem glosar o mote, responder à pergunta e decifrar a charada, receberá das mãos da Senhora Dona Helena, este livro... (Entrega a Helena um exemplar impresso da Filha de Maria Angu.)

Pedrinho — É que livro é esse? Dá licença? (Toma o livro e lê o título.) A Filha de Maria Angu.

Alferes Andrade — Ora via! Uma paródia! Uma paródia!...

Nicolau — E o que tem que seja uma paródia?

Alferes Andrade — Vi-a representar... É a maior bagaceira... (Com energia, puxando pela espada.) E não me digam que não é!...

Nicolau — Quem foi que disse, Seu Alferes? Guarde a durindana, homem!

Alferes Andrade — É assim que o Senhor Pantaleão de los Rios quer fazer literatos: dando-lhes de presente A Filha de Maria Angu!

Pedrinho — Não seja tolo, Seu Alferes!

Alferes Andrade (Tirando a espada.) Isso é sério?

Pedrinho — Muito sério!

Alferes Andrade (Embainhando a espada.) — Eu logo vi! Comigo ninguém brinca...

Nicolau — Ora ali está uma espada de que não se pode dizer: -Nunca saiu da bainha.

Pantaleão — Eu continuo! Meus senhores, ânimo! Puxai pela inteligência! Disputai gloriosamente A filha de Maria Angu! (Aos músicos.) E vós, ilustres maccaroni, fazei vibrar as cordas de vossas harpas e rabecas! (Bebe água.)

Todos — Apoiado! A música! A música! (A música toca desafinadamente.)

Nicolau — Excelente orquestra, compadre!

Pantaleão — Meia dúzia de maccaroni, que estão de passagem na freguesia... Tocam regularmente... (Outro tom.) Vamos principiar a luta da inteligência. (Tirando do bolso um periódico.) Neste número da Gazeta de Notícias acha-se a charada. (Tirando outro periódico.) Neste, a decifração. (Dando uma das gazetas a Nicolau.) Leia compadre: é a que está marcada à margem.

Nicolau (Lendo.) — “Assuntos do dia... Houve grande rolo ontem na Rua de São Jorge... A feiticeira vermelha...” Não é isso! “O nosso amigo...” Onde está? Ah!

“Charadas”, cá está ela! (Lendo.) “Uma, três. Tomo esta fazenda, sento-me nela; tem graça!”

Pedrinho —Convém observar que a charada é da novíssima reforma; portanto “Tomo esta fazenda...”

Alferes Andrade (Triunfante.) — Eu sei, eu sei!... Eu sei o que é!...

Pantaleão (Em tom de zombaria.) — Então você sabe o que é?

Alferes Andrade - Sei! quem é que diz que não sei?... (Tirando meia espada.) “Tomo esta fazenda... (Apona com malícia para Helena.) Ora, quem há de ser a fazenda?”

Pantaleão — Isto é de mau gosto, seu alferes. Está enganado! Vamos: “Toma esta fazenda, uma...”

Góis — Uma... uma o quê?

Pantaleão — Uma sílaba! É boa!

Góis — O quê? a sílaba?

Companhia — Não; ele disse — É boa —, assim como quem diz — É burro.

Pantaleão — Tomo esta fazenda, sento-me nela, três...

Góis — Três o quê?

Companhia — Cala-te.

Pantaleão — O conceito: — Tem graça...

Góis — Não acho.

Nicolau (Repetindo, de mau humor.) — “Uma, três. Tomo esta fazenda e sento-me nela; tem graça!”

Pantaleão — Vamos! Vamos! É matar no ar.

Góis — Mosca!

Companhia — Pilhéria!

Alferes Andrade — Paródia

Pantaleão — Fala cada um por sua vez! Quem disse - mosca?

Góis — Fui eu.

Pantaleão — Como é que explica?

Góis — O senhor disse que era de matar no ar. O que é que se mata no ar? (Como quem mata uma mosca.) Mosca...

Nicolau — Mosca me parece você.

Pantaleão — Quem disse pilhéria?

Companhia (Timidamente.) — Fui eu, mas retiro a expressão.

Alferes Andrade — Eu disse paródia! E ele é! O que é que tem graça? Paródia! (Murmúrios.)

Pantaleão — Venham outros! Então? Ninguém? (Todos se põem a pensar. cascais, Pedrinho e Pantaleão são os únicos que observam.)

Abel (Apresentando-se.) Dá licença?

Pantaleão — Pois não! A entrada é franca! (À parte.) Quem será?

Nicolau — Decifrou a charada? (À parte.) Quem será?

Abel — Sim, senhor. Tomo esta fazenda: brim; sento-me nela, cadeira...

Alferes Andrade (Interrompendo.) — Brincadeira! Brincadeira! Achei!

Abel — Brincadeira, sim.

Alferes Andrade (Triunfante.) — Fui eu que disse!

Pantaleão — Seu alferes, está ficando insuportável! Cale-se!

Alferes Andrade (Tirando a espada.) — Insuportável! Retire a expressão!

Pantaleão — Ora, deixe-se disso.

Alferes Andrade (Tranqüilamente.) — Está bom. (Guarda a espada.)

Helena (Satisfeita, à parte.) — Foi ele, foi ele!

Nicolau — O que tem você, menina? Parece estar sentada em alfinetes!

Pantaleão — Toque a música! (Música dos italianos.) Vamos agora à pergunta enigmática. (Dando um papel a Nicolau.) Leia, compadre.

Nicolau (Lendo.) — “Que diferença há entre o senhor vigário e um rei?”

Alguns — Nenhuma! Nenhuma!

Cascais — Como nenhuma?

Alferes Andrade (Triunfante.) — Nenhuma! Nenhuma!... Desta vez achei!

Góis — Eu sei: é que o senhor vigário diz missa e um rei ouve.

Companhia — É que um rei é barbado e seu vigário não é. (Aparece Abel.)

Helena — Ele! Ele!...

Nicolau — O que é isso, menina? (a Abel.) O senhor sabe a diferença?

Abel — Sim, senhor.

Nicolau (À parte.) — Este diabo tem cabeça!

Abel — Deixai-me dizer-vos, senhores, que a diferença é bem certa: o rei tem c’roa fechada e o padre tem c’roa aberta.

Todos — Muito bem! Muito bem! (Abel é cumprimentado.)

Pantaleão — Um belo improviso!

Pedrinho — Toquem a música. (Os italianos obedecem.)

Pantaleão — Agora o mote: (Dando outro papel a Nicolau.) — Compadre, leia...

Nicolau — Eis o mote. (Lendo.) “Meu bem será sempre meu.”

Alferes Andrade — Ora, isto é fácil! Eu já adivinhei!

Pedrinho — Adivinhou o quê, seu Alferes?

Alferes Andrade - Adivinhei o mote!

Pedrinho (À parte.) — Forte bruto! (Alto.) Pois diga.

Alferes Andrade (A Nicolau.) — Como é a adivinhação?

Nicolau — Que adivinhação?

Alferes Andrade — O mote.

Nicolau (Maçado.) — “Meu bem será sempre meu.”

Alferes Andrade — Depois de repetir, com ênfase.)

Eu juro por tudo quanto é mais sagrado eu juro por meu pobre pai que há muito já morreu que meu bem será sempre meu!

Pedrinho — Pode limpar as mãos à parede!

Pantaleão — Isso não são versos, meu amigo!

Alferes Andrade — Então o que são?

Pedrinho — Ora cale-se! (Gesto do Alferes Andrade.)

Companhia — Dá licença?

Pantaleão — Diga.

Companhia (Com lirismo.) — Na brisa dos meus ardores, dos belos anjos de Deus, cai um fonte nas flores, meu bem será sempre meu.

Pantaleão (Depois de uma pausa. A Nicolau.) — Você entendeu, compadre?

Nicolau — Homem, não entendi... mas os versos me parecem harmoniosos...

Pantaleão — Tenha paciência, repita.

Companhia (Com certo receio.) — Na brisa dos meus ardores dos belos anjos de Deus

Pedrinho — Cai uma fonte nas flores meu bem será sempre meu.

É harmonioso, mas não tem sentido. Você há de fazer escola, você há de fazer escola!

Góis (Avançando timidamente.) — Brincadeira!

Pantaleão — Saia, saia! (Abel aparece.)

Helena — Ele outra vez! Ele!

Bicolau — O que é isto, menina?

Abel — Dirijo-me ao Senhor Nicolau Madureira e a esta interessante senhora...

Helena - Fale, fale!

Nicolau — Menina!

Abel —... e digo: Que importa um tutor das dúzias um desalmado tutor as suas bênçãos recuse-as a meu puro e casto amor, se no peito casto e puro um coração tenho eu, porque baixinho murmuro:— no presente e no futuro meu bem será sempre meu!

Todos — Muito bem! muito bem!

Helena (Depois das mais) — Muito bem!

Nicolau — Menina!

Pantaleão — O que diz dos versos, compadre?

Nicolau — Homem, aquela alusão aos tutores... Isso quanto à essência. Quanto à forma, não há o que se lhe diga.

Pantaleão (Dirigindo-se a Abel.) — Dou-lhe sinceros parabéns, senhor... Como se chama?

Abel — Abel de Souza Faria.

Pantaleão — Ah! então é o professor, cuja nomeação me foi comunicada, como delegado literário que sou?..

Abel —Sou eu mesmo.

Pantaleão —Então, viva o novo professor!

Todos — Viva! viva! Toca a música! Viva!

FINAL

Coro

Bravo, meu caro professor!

Do prêmio foi merecedor!

Bravo, meu caro professor.

Alferes Andrade (Com raiva.) — Eu fiz figura má...

Pantaleão — Caramba! me venceu!...

Abel —O prêmio! Venha o prêmio! O vencedor fui eu!

Todos — Venceu!

Helena (À parte.) — Mete Abel, por ser tão belo, a todos num chinelo!

Abel — Venha o meu prêmio!

Todos — Venha esse prêmio! sem mais proêmio!

Helena — Pois um ditado, muito acertado, o prometido diz que é devido.

Todos — Demos-lhe o prêmio!

Nicolau (Amável a Abel.) — Há de deixar que o presidente sinceramente o cumprimente...

Folguei de descobrir que tem ilustração quem vem distribuir a pública instrução nesta povoação.

(a Helena.) Olha esse prêmio que saia!

Helena — O prêmio aqui está! (Nicolau tropeça.)

Não caia!

Todos (Enquanto o livro é entregue por Helena A Abel.) — Bravo, meu caro professor, etc.

Nicolau (a Abel.) — Às suas ordens nossa casa está

Sem cerimônia, pois não há senhoras, vá hoje mesmo jantar lá.

Helena (Com sentimento.) — Nós jantamos às três horas...

Para a mesa vamos às três horas...

Abel (Cortesmente) — Eu pontual serei; às três horas não faltarei.

Helena (À parte.) — Ai! que prazer o meu!...

Jantar ao lado seu!

Cascais (Baixo a Abel.) — Então, está contente?

Abel (Baixo a Cascais.) — Mais estaria, certamente, se o Nicolau ‘stivesse ausente!

De nós afaste este sandeu, conforme já me prometeu.

Cascais (No mesmo.) — Ainda não; depois...

Não passe de nós dois...

(Ouvem-se fora vozes confusas e tropel de animal.)

Pantaleão — Estranhos ruídos. Milhões de alaridos a nossos ouvidos eu sinto morrer!

Todos — Nós todos ouvimos, nós todos sentimos, mas não descobrimos o que possa ser!

O Feitor (Entrando pelos fundos.) — Eu caio aqui como uma bomba para trazer notícia má!

Seu Nicolau, não faça tromba!

Todos — Vamos ouvir... O que será?!

Nicolau (Declamando.) — É o feitor lá da fazenda!

O Feitor — Vim a galope de longe anunciar um caso de espantar!

Oh! que desgraça horrenda!

Houve um levantamento e muito violento...

Nicolau (Declamando.) — Aonde? Quando, homem de Deus?

O Feitor — Esta manhã, lá na fazenda!

Nicolau — Bom! Vou partir pra fazenda!

Helena — Dindinho, vá para a fazenda!

Abel (A Cascais.) — Então? Que diz? Nem de encomenda!

Nicolau — Que maço! Partir pra fazenda!

Alferes Andrade — Vá s'embora pra fazenda!

Todos (Cercando Nicolau.) — Vá pra fazenda!

Vá, vá! Vá já!

Helena — Vá já, meu dindinho; é bom o caminho...

(Consigo.) Ah! ah!...

Vai-se o dindinho de Helena; e ela vai ficar...

Ai! Com certeza a pequena há de aproveitar

Sim, porque não vale a pena desaproveitar

Vai-se o dindinho de Helena

Helena vai ficar!

Todos (a Nicolau.) — Vá pra fazenda!

Vá, vá!

Vá já!

Abel — Senhor, atenda:

Vá pra fazenda!

Não se arrependa!

Todos — Vá sem tardar, sem demorar!

Corre! Corre, ó Nicolau!

Segue! Segue o teu feitor!

Corre, corre tudo a pau!

Volta, volta vencedor!

(Durante o coro, carregam Nicolau com um grande capote, mala, guarda-chuva, botas de montar, chicote e chapéu de palha. Despedidas de Nicolau e Helena.)

[(Cai o pano)]

ATO SEGUNDO

QUADRO TERCEIRO

O VÍSPORA

Sala de engomar em casa de Nicolau. Ao fundo, porta, deitando para o quintal, e no meio de um parapeito com janelas envidraçadas. Portas laterais. Canapé à direita. Na tábua de engomar, ao fundo, está estendida uma peça de roupa branca. Cadeiras. É noite.

CENA I

Helena, Marcolina e Moças

Coro das Moças

Por que razão, ó Dona Helena,
tão triste está que causa pena?
Diga-nos já, e ao seu penar
talvez possamos consolar.

Marcolina (Deixa o seu trabalho e vem também para junto de Helena.) — Iaiá, não 'steja assim tão triste.

Helena — Meu Deus! Meu Deus! o meu coração não, resiste a tamanha dor a tanto dissabor!

Eu desejava neste instante a solidão corroborante; portanto, se de mim tiverem dó, dois minutos ou três deixem-me só...

Marcolina — Mas quem 'sta assim amargurada deve ser acompanhada.

Coro das Moças

Fique só, já que não quer, ó Dona Helena
nos confiar sua pena.
Sim, como quer sozinha estar,
vamos embora sem tardar.

(As moças retiram-se pela esquerda. Marcolina põe-se de novo a engomar, cantarolando alguma cantiga da roça.)

CENA II

Helena e Marcolina

Helena — Marcolina?

Marcolina (Deixando o trabalho.) — Iaiá?

Helena — Cala-te!

Marcolina — Iaiá não vai pra sala?

Helena — Não.

Marcolina — Iaiá, isso não é bonito! As moças vêm visitar vossem'cê e vossem'ecê pede a elas que se retire! Os brancos tudo rumado lá na sala e vossem'cê não vai pra lá! Ué!

Helena — Quem está lá dentro?

Marcolina — Seu Pantaleão, Seu Arfere, Seu Pedrinho, aqueles dois estudante da cidade, aqueles dois lojista da rua do Imperadô, e que andam sempre cumo unha com carne, e mais um punhado deles. Tá tudo na sala, e vosssem'cê metida na sala do engomado, no lugar das pretas...

Helena — Essa gente toda, se vem aqui, não é por minha causa, mas por amor do víspora.

Marcolina — Vossem'cê deve ir conversar com eles, porque sinhô velho tá na fazenda.

Helena — Cala-te.

Marcolina — Iaiá, arrefrita...

Helena — Essa gente toda me aborrece...

Marcolina — Mas o que quer?

Helena — Se me favorecessem com sua ausência...

Marcolina — Sinhô véio, quando vortá, não há de gostá dessa farta de cumo-chama.

Helena — Não quero sentenças, ouviu?

Marcolina — Tá bom, tá bom...

Helena — Vá para a cozinha!

Marcolina (À parte.) — Cabeça dela tá virada por aquele marreco dess'outro dia... (Vai saindo, e olha para o quintal.) Então? Quando uma coisa me parpita...(Alto.) Iaiá?

Helena — O que é? Ainda aí estás?

Marcolina — Faça favô de vim na janela; veja quem tá ali...

Helena (Erguendo-se pressurosa.) — Aonde? aonde?

Marcolina — No quintal... (À parte.) O moleque sartou pelo muro...

Helena (Chegando-se à vidraça.) — Quem é? (Vendo.) Ah!...

Marcolina — O que Iaiá vai fazê?

Helena (Consigo.) — Meu Deus! Meu Deus! Dai-me forças!

Marcolina - Iaiá vai mandá ele entrá?

Helena (No mesmo) — Ó céus! Não posso sustentar por mais tempo esta luta entre o amor e o dever... E nada me lembra... nada me ocorre... Não tenho uma pessoa que me ouça, que me aconselhe... (Com uma idéia.) Ah!

Marcolina (À parte.) — Hoje é dia dos ah! Iaiá já sortou dois...

Helena — Vá ao quarto de dindinho e traze o seu retrato, que está pendurado na parede.

Marcolina — O retrato?

Helena — Sim! Avia-te!

Marcolina — Mas o que Iaiá vai fazê com o retrato de sinhô véio?

Helena — Não tenho que dar satisfações! Vá e volte já!

Marcolina — Tá bom, tá bom; (À parte.) Um... (Sai.)

CENA III

Helena

Helena — Talvez que, tendo presente a imagem daquele que eu desejava estivesse presente, possa evitar as seduções daquele que eu estimava fosse o meu futuro. Ah! Meu Deus! Fiz um trocadilho no estado em que me acho!

CENA IV

Helena e Marcolina

Marcolina (Trazendo um enorme retrato de Nicolau.) — Aqui está!

Helena — Bom. Deita-o sobre aquela cadeira. (Marcolina obedece.) Fecha aquela porta.

Marcolina (Hesitando.) — Pra quê, iaiá?...

Helena (De mau humor.) — Fecha aquela porta!

Marcolina — Tá bom...(Vai fechar a porta da esquerda.)

Helena — Retira-te.

Marcolina — O que é que iaiá vai fazê?

Helena — Não é da tua conta.

Marcolina — Mas sinhô véio...

Helena — Já viram desavergonhada mais teimosa?

Marcolina — Iaiá vai pintá o sete, e depois...

Helena — Hein?

Marcolina — Tá bom; depois não quero cumo-chama comigo. (Sai)

CENA V

Helena

[**Helena**] (Toma nas mãos o retrato do padrinho e, depois de contemplá-lo largo tempo, exclama com entonação dramática.) — Ó meu querido, meu venerado ! (Outro tom.) Este retrato está muito bem apanhado... Para macaco falta-lhe... Não lhe falta nada...(Tragicamente) Ó meu venerável padrinho, por que te ausentaste? Não me deixaste outra guarda mais do que Marcolina e minha consciência... Tanto minha consciência como Marcolina são fracas, e meu coração é tão forte! Oh! eu também fazia coro com aquela gente! Oh! eu também te dizia. — Vá pra fazenda! vá pra fazenda! Quanto me pesa haver contribuído também para tua ausência inoportuna... (Vai colocar o retrato onde estava.)

Coplas

I
Dindinho foi para a fazenda:
deixou-me ficar sobre mim...
Queira Deus que não se arrependa
de ser tão imprudente assim!
Por isso que vítima imbele
de um grande amor, pois sou mulher,
se vejo Abel, fujo com ele,
fujo com ele, haja o que houver,
diga dindinho, o que disser

(Dirigindo-se ao retrato.)

Por quê, por quê

dindinho, vossam'cê
sozinha me deixou
aqui me abandonou?...

II

O ser honesta e ter bom senso
é minha preocupação;
mas ao romance é bem propenso
meu machucado coração..
Não devo, sei, fugir de casa
de quem me adora como pai;
mas sinto lacerante brasa
que no meu peito ardente cai...
Amor me chama, amor me atrai

Por quê, por quê,
dindinho, vossam'cê
sozinha me deixou,
aqui me abandonou?

— Agora sinto-me forte. Pode vir, Senhor Abel, pode vir! (Apontando para uma trouxa que deve estar debaixo do canapé.) Ah! se ele soubesse que já tenho a trouxa pronta... (Abre a porta do fundo e a cena para fora) Ele aí vem... coragem!

CENA VI

Helena, Abel, depois **Marcolina**

Abel (Apertando com efusão as mãos de Helena.) — Como estás, meu anjo?

Helena — Abel, que imprudência!

Abel — Não me crimines: estou autorizado por ti... (Pausa.) Então? Estás pronta?

Helena (Estremecendo.) — Pronta? Para quê?

Abel — Para... Faze-te agora de esquerda...

Helena — Não me lembro...

Abel — Helena?

Helena — Abel?

Abel — Estás zangada comigo?

Helena — Não.

Abel — Só fala por monossílabos! (À parte.) É a única coisa que sei de gramática... (Alto.) Não temos tempo a perder... Vamos!

Helena — Meu Deus!

Abel — Hesitas?

Helena — Não sei...

Abel (Depois de pequena pausa.) — Helena, a ocasião não pode ser mais favorável. Arranja a trouxa... Ainda não arranjaste a trouxa?

Helena (Estremecendo e olhando de soslaio para trouxa.) — Mas...

Abel — Pois arranja depressa a trouxa e partamos. Daqui a meia hora temos um trem.

Helena — Meu amigo...

Abel — Tens escrúpulos?

Helena — Ouve cá: não seria melhor revelarmos o segredo do nosso amor a dindinho? (Aponta para o retrato.)

Abel (Dando com o quadro.) — Ah! Pois não! É o que menos custa! (Tirando o chapéu e com toda a cortesia, ao retrato.) Meu caro Senhor Nicolau, participo-lhe que eu e a senhora sua afilhada nos amamos... e fugimos...

Helena — Não zombes, Abel! Quem sabe o resultado de uma revelação que lhe fizéssemos? Donde não se espera...

Abel (Enterrando o chapéu na cabeça e em tom resoluto.) — Dize-me cá: já te achaste algum dia em presença de um homem que trouxesse uma resolução?

Helena - Metes-me medo!

Abel — Pois olha: eu trouxe uma resolução, entendes? Não te digo mais nada...

Helena — Abel, se te mereço piedade...

Abel — Vamos! Arranja a trouxa!

Helena — Ah! Mas não serás capaz...

Abel — Tu sabes que sou muito atrevido! Quem se apresentou candidato à cadeira de primeiras letras desta freguesia, sem saber pitada de gramática, é capaz...

Helena (Assustada.) — De quê?

Abel — Vais ver! (Avança para ela.)

Helena (Evitando-o, a gritar.) — Marcolina! Marcolina!...

Marcolina (Entrando.) — Iaiá chamou?

Helena (A tremer.) — Nada é... nada é...

Abel (Descobrindo-se.) — Vejo que me enganei... Supus que sua palavra não voltava atrás... Adeus! Oh! Mas ainda me resta um meio...

Helena — Qual é?

Abel — Veremos... (Cobre-se e sai resolutamente.)

Helena (Depois de pequena reflexão, como que caindo em si.) — Marcolina! Marcolina! vai ter com ele!

Marcolina — Com ele quem?

Helena — Com esse moço que acaba de sair daqui; chama-o!

Marcolina — Iaiá!

Helena — Dize-lhe que já tenho a trouxa pronta...

Marcolina — Ué!

Helena — Vai depressa!

Marcolina — Nada! Não me meto em fundura! Não quero cumo-chama comigo. (Música.) Olhe: aí vem os brancos... Vêm pro víspera.

Helena — Malditos amoladores! Não podem jogar em outro lugar! Vai abrir a porta. (Marcolina abre a porta da esquerda, vai colocar-se ao fundo da cena. Helena senta-se no canapé.)

CENA VII

Helena, Marcolina, Pantaleão, Alferes Andrade, Góis & Companhia, Cascais, Pedrinho, Benjamin, Juca Sá e Visitas

(O Alferes Andrade tem trazido grande quantidade de cartões para o jogo do víspera. Trazem a mesa para centro da cena e preparam o jogo.)

Coro

Joguemos por distração,
mas... pelo sim, pelo não,

companheiros folgazões,
paguemos só dois tostões
por cartão tão tão tão tão!

Cascais (Aproximando-se de Helena.) — O que é que tem, Dona Heleninha? Tão retirada hoje...

Helena — Desculpe, se não apareci. O padre bem sabe...

Cascais (Em voz muito alta.) — Sei! Uma forte enxaqueca... (Baixinho.) Em que ficaram?

Helena — Não tenho ânimo; é-me impossível abandonar assim a casa de dindinho...

Cascais — Está bem, minha senhora: ad impossibilia nemo tenetur...

Helena — Dê-me um conselho, padre.

Cascais — Já lhe dei um conselho; não lhe digo mais nada, porque conheço Nicolau como as palmas de minhas mãos...

Helena — Aí, padre! Vossa Reverendíssima nunca amou!

Cascais — De minimis non curat proetor...

Pantaleão (Sentando à mesa.) — Já vieram notícias do compadre?

Cascais — Cá está ele...(Pega no retrato e vai colocá-lo a um canto da CENA.)

Helena — Nenhuma.

Pedrinho — É sinal que não há novidade.

Alferes Andrade (Impaciente.) — Começa o víspera ou não?

Benjamin — Ao que parece, o Senhor Alferes dá o beicinho pelo víspera.

Alferes Andrade — E o que lhe importa a você, seu pelintra?

Benjamin — Não seja malcriado!

Alferes Andrade (Tirando a espada.) — Até este fedelho!

Benjamin (Fazendo-lhe uma careta.) — Uh!

Alferes Andrade (Guardando tranqüilamente a espada.) — Vamos ao víspera. (Hilaridade.) Cada cartão custa dois tostões.

Pedrinho — Tostões! Ah! Ah! Ah!

Alferes Andrade — Tostões! Arre! Não puxo pela espada porque estou com as mão ocupadas. (Procede à separação dos cartões.) Quantos quer, seu vigário?

Cascais — Se quer que lhe fale com franqueza, Senhor Alferes: eu não gosto de jogar com o senhor...

Alferes Andrade — Por quê? Por quê?

Cascais — O outro dia, no solo, o senhor foi mão três vezes seguidas! Eu não disse porquê, enfim...

Alferes Andrade — Então, cuida que para ser mão só padre? Quantos cartões quer?

Cascais — De cá lá dez. Aqui tem dois mil réis. (Recebe os cartões e paga-os — mão lá, mão cá.)

Pantaleão — Dê-me outros dez. (Paga e recebe-os.)

Pedrinho — Quem me empresta dez tostões? (Fazem-se todos desentendidos.) Quem me empresta dez tostões? (Aproxima-se de Helena, que está pensativa.) Ó Dona Helena, a senhora me empresta dez tostões?

Helena (Despertando de sua cisma.) — Hein?

Pedrinho (Impaciente.) — A senhora me empresta dez tostões?

Helena — Empresto. (Dando-lhe uma nota.) Aqui tem dois mil réis; com os outros dez tostões compre cinco cartões para mim. (À parte.) Talvez me distraia.

Pedrinho (Ao Alferes.) — Dê cá cinco. (Recebe e paga.) Quantos queres, ó Juca Sá?

Juca Sá — Dez. (Compram, etc.)

Góis (Ao sócio.) — Quantos queres?

Companhia — Quantos quiseses.

Góis — E quantos hei de querer?

Companhia — Dez para cada um.

Góis — Então dez e dez... dez e dez são... (Calcula.)

Companhia (Contando nos dedos.) — Dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um...

Góis — Já basta! Dez e dez são vinte. (Ao Alferes.) Dê cá vinte, Seu Alferes Pancada... quero dizer, Andrade.

Alferes Andrade (Tirando meia espada.) — Eu dou-lhe mais são vinte espadeiradas! (Guarda a espada tranqüilamente e dá os cartões.) Dê cá quatro mil réis. (Góis paga. Acham-se todos munidos dos competentes cartões.) Quem mais quer? Quem mais quer?

Pedrinho — Já todos tem... Vamos com isso!

Alferes Andrade (Estendendo muitos cartões que restam diante de si.) — Tomem lugares! (Remexendo os números em um saquinho.) Vamos principiar!

Cascais (Ao Alferes.) — Mas, com licença, o senhor não pagou!

Alferes Andrade — Como não paguei?...

Pedrinho — Ainda não, senhor!

Todos — Não, senhor! Pague! Pague e não bufe!

Alferes Andrade — Pois vá lá... pela segunda vez! Contra força não há resistência. (Tirando dinheiro.) Cá está! (Marcolina sai pela direita.)

Pedrinho — Esta nota ainda não está recolhida?

Alferes Andrade — Eu é que te recolho já esta espada no bucho! Falta um tostão! Quem empresta um níquel?

Pantaleão — Ninguém.

Alferes Andrade — Pois bem: quem tirar a mesa tem o direito de me exigir um níquel!

Benjamin — Mas haverá crédito?

Alferes Andrade — Menino, eu sou comandante de um destacamento!

Benjamin — Folgo muito.

Cascais — Se a dificuldade é um níquel, *dignus est entrare*.

(Marcolina, que tinha saído, volta com um saco de milho, do qual distribui um punhado a cada jogador. Os personagens estão colocados do seguinte modo: Helena, no canapé em que já estava sentada, estende seus cartões. No canapé, onde cabem duas pessoas, vai sentar-se também outra moça. Cascais puxa uma cadeira para a boca de cena e coloca seus cartões sobre a cúpula do ponto. A banca é ocupada pelo Alferes, no centro, e nos dois lados por Pantaleão e Pedrinho. Góis senta-se numa cadeira e estende os cartões no chão. O sócio vai buscar o retrato de Nicolau, coloca-o nas costas de Góis, e, de pé, por trás da cadeira, espalha seus cartões na tela do retrato. Benjamin e Juca Sá sentam-se no chão defronte um do outro. Na tábua de engomar devem jogar três ou quatro moças. Os mais distribuem-se por todos os lados. Marcolina vai guardar o saco de milho e, quando volta, coloca-se por trás do canapé.)

Alferes Andrade (Depois de contar o dinheiro que está sobre a banca.) — Vamos! A banca é de vinte e quatro mil e setecentos... Com o tostão que estou a dever, vinte e quatro mil e oitocentos. Pronto.

Todos — Pronto!

Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Sete.

Alguns — Sete! (Uns marcam, outros não, - assim por diante.)
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Sessenta e nove... Não! não! Ou é!...
Pedrinho — Veja no que fica!
Alferes Andrade — Eu não sei se é sessenta e nove ou noventa e seis...
Pantaleão — Deixe ver: é sessenta e nove.
Cascais — *Ligere et non inteligerre, burrigere est.*
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Muito obrigado! Oitenta e oito.
Alguns — Oitenta e oito.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Vinte!
Alguns — Vinte.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Trinta e seis!
Alguns — Trinta e seis.
Cascais — Duque.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Noventa e nove!
Pedrinho — Olha que é sessenta e seis...
Alferes Andrade — É verdade: sessenta e seis!
Benjamin — Terno.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Dois!
Alguns — Dois
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Noventa!
Pantaleão — Terno
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Doze!
Alguns — Doze.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Vinte e quatro!
Cascais — Terno.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Quatorze!
(Desta vez ninguém responde.) — Quatorze!
Cascais — Ciente.
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Sessenta e quatro!
Cascais — Venha a boa!
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Trinta (Com força.) Víspera!
Todos — Hein?
Alferes Andrade (Muito tranqüilamente.) — Quero dizer: duque... (Gritando.) Um!
Góis (Levantando timidamente a cabeça e em tom de lástima.) — Terno
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Vinte e três!
Pantaleão — Venha a boa!
Alferes Andrade — (Remexendo no saco e tirando um número.) — Oitenta e seis!
Pantaleão (Erguendo-se enfurecido.) — Por um ponto! (Batendo o pé com toda a força.) — Caramba!
(Góis & Companhia assustam-se e cai um por cima do outro). Caindo, Góis enterra a cabeça na tela do retrato, que lhe fica em volta do pescoço. Confusão geral, Helena deita as mãos na cabeça. Marcolina tira o retrato, leva-o para dentro e volta. O Alferes aproveita-se da confusão para procurar no saco o número que lhe convém. Só Pantaleão vê esta trapaça.

Alferes Andrade (Achando o número.) — Dez! Víspora! Víspora! Dez! Aqui está! Dez!...

(Chegam-se todos para o Alferes, menos Helena e Marcolina, que voltam a seus lugares.)

Canto

Alferes Andrade — É como se vê: são dez!

Todos — Dez!

Alferes Andrade (Atirando-se ao dinheiro.) — São meus os vinte e quatro mil e setecentos

(Guarda o dinheiro)

Pantaleão — É muito atrevimento!

Patota fez você!

Alferes Andrade (Puxando a espada.) — Quem foi? quem foi que fez?

Pantaleão — Guarde o chanfallo, ó toleirão!

Góis — Não seja tão parlapatão!

Cascais — Então? então? Dê-me o que é meu!

Alferes Andrade — Vocês quem pensam que sou eu?

Helena — Seu Alferes, tal não fará!

Pedrinho — Entregue esse dinheiro e nada se dirá!

Alferes Andrade — Do meu bolso não sairá!

Todos — Dê-nos o cobre! Dê-nos já!

Alferes

Raspem-se já
senão, senão,
vai haver cá
revolução!...

Coro de Homens

Se não nos dá
nosso quinhão
gritamos já:
pega ladrão!...

Todos — Pega ladrão! Pega ladrão!...

Góis & Companhia (Colocam-se um de cada lado do Alferes, que tenta fugir.) — O valentão que tanto arrota, e que no jogo fez patota, não leva já tunda de pau, em atenção ao Nicolau...

Alferes

Raspem-se já etc.

Coro de Homens

Se não nos dá etc.

Todos — Pega ladrão! Pega ladrão!

Alferes Andrade — Não sou ladrão, não sou ladrão! (Foge.)

Todos (Acossando-o.) — Pega ladrão! Pega ladrão!

(Saída ruidosa pela esquerda. Helena e Marcolina ficam sós.)

CENA VIII

Helena e Marcolina

(Marcolina deita a mesa em seu lugar, arranja os móveis e coloca os cartões sobre a mesa.)

Helena — Que sempre há de haver disto! Por isso não gosto que se lembrem de jogar aqui o maldito víspora!

Marcolina (Arranjando os trastes.) — Também aquele Seu Arfere é um tipo.

Helena — É um tipão.

Marcolina — Fazer trapaça não é nada, mas deixar-se apanhar...

Helena — Vai para dentro; preciso estar só.

Marcolina — Outra vez, iaiá!

Helena — Deixa-me!

Marcolina — Vossem'cê não vai cear com as visitas?

Helena — Não; quero descansar.

Marcolina — Então, vá pro seu quarto.

Helena — Não quero. (Aparece Cascais.)

Marcolina — Aqui está...

Helena (Sobressaltada.) — Quem?...

Marcolina — Sinhô padre-mestre.

Helena — Ah!

Marcolina (À parte.) — Outra ah! Já sortou três!

CENA IX

As mesmas e **Cascais**

Cascais — Aquele Alferes Andrade é um tipo!

Helena — Um tipão!

Marcolina — Ele arretituiu o dinheiro, sinhô padre-mestre?

Cascais — Só a metade... Que trapaceiro! Vade retro!

Helena — Deixa-nos a sós, Marcolina. Vai dizer a esses senhores desculpem minha ausência... mas a enxaqueca...

Cascais (Em voz mito alta.) — Sim, uma forte enxaqueca...

Marcolina — Mas...

Helena — Vai!

Marcolina — Tá bom! (Sai.)

CENA X

Helena e **Cascais**

Helena — Ó padre!

Cascais — O que temos?

Helena — Ainda há pouco não pudemos falar à vontade. Vossa Reverendíssima não calcula o quanto padeço...

Cascais — *Horribili dictu!*

Helena — Ele esteve ainda agora aqui....

Cascais — Quando?

Helena — Antes do víspora.

Cascais — E não... fez víspora?

Helena — Oh! fiz-me esquecida... Hesitei... Ele saiu... Deixei-o sair, mas sabe Deus com que vontade... Oh!

Cascais (À parte.) — Hoje é dia dos ohs! A rapariga já soltou dois...

Helena — O que diz, padre?

Cascais — O que digo é isto... (Prepara-se para dizer uma sentença latina.)

Helena — Oh! não! não! Fale português.

Cascais — Então sabia que eu ia falar latim?

Helena — Já conheço pela sua cara.

Cascais — Então, o que digo é isto: nada de hesitações, deixe-se levar, e o resto fica por minha conta...

Helena (Com piedade.) — E o dindinho?

Cascais — Ora! Dindinho que vá plantar mandioca. A senhora ou bem há de querer o dindinho, ou bem o Abel. Ambos juntos é impossível! São incompatíveis. Dois proveitos não cabem num saco...

Helena — Oh!

Cascais (À parte.) — Mais um oh! (Alto.) E daí, quem sabe? Podem muito bem fazer as pazes e meter ambos os proveitos em um saco só. Ande daí; venha cear.

Helena — Não. Tenho uma tal tristeza n'alma...

Cascais — Triste est anima mea.

Helena (Sentando-se no canapé.) — Verei se posso sossegar.

Cascais — Aqui? Não é melhor ir para o seu quarto?

Helena — Irei depois.

Cascais (Querendo retirar-se.) — Nesse caso, Dona Heleninha..

Helena — Não se vá embora por quem é! Sua presença faz-me bem.

Cascais — Favores que não mereço...

Helena (Recostando-se no espaldar do canapé.) — Estou com um sono... (Fechando os olhos.) Ó padre, se eu dormir, peça aos céus que me enviem um sonho benfazejo; sim?

Cascais — Sim (À parte.) Ora! Para o que lhe havia de dar!

Helena (No mesmo.) — Por que não é dindinho amigo de Abel? Se eu pudesse vê-lo em sonhos...

Cascais — A quem? Ao dindinho?

Helena (Enfadada.) — Não.

Cascais — O outro...

Helena — O outro... Se pudesse vê-lo em sonhos... Que mal havia nisso? Padre, peça, peça aos céus que me enviem um belo sonho... Estão-se-me a agarrar as pálpebras... Peça... (Outro tom.) Peça... se não fico mal com Vossa Reverendíssima... (Adormece.)

Cascais — Tem graça! Pedir um sonho assim como quem pede um charuto! — Oh! Fulano, dá cá um charuto. — Ó céu, manda lá um sonho à Senhora Dona Helena. (Contemplando-a.) Como é bonita! (Dá dois passos para ela, e arrependendo-se, benzendo-se.) *Est ne nos induca in tentationem.* (Nisto, Abel, que tem aberto lentamente a porta do fundo, entrado e avançado, toca no ombro de Cascais, que se assusta.) Ai!

Abel — Não se assuste! Sou eu. Cale-se; não a desperte...

Cascais — O senhor pregou-me um susto...

Abel — Não vá agora pregar-me um sermão... Ah! desculpe...

Cascais — Essa é boa! Inter amicus non habet geringonça.

Abel — Silêncio... (Entra Marcolina; Abel oculta-se atrás de Cascais.)

CENA XI

Helena, Cascais, Abel e Marcolina

Marcolina — Então iaiá não quer ir pro seu quarto!

Cascais — Psiu... Está dormindo... Não a desperte, senão volta aí a enxaqueca.

Marcolina — Mas isto não tem jeito! Dormir aqui!

Cascais — Não faz mal.

Marcolina — Então, vamos embora.

Cascais — Vai fechar a porta. (Marcolina fecha a porta da esquerda. Cascais segue-lhe os movimentos e Abel os de Cascais, de modo que se conserve sempre a salvo dos olhares de Marcolina.) Agora, vamos, passa adiante...

Marcolina — Sim, sinhô.... (Sai.)

Cascais (À porta do fundo.) — *Oc opus hic labor est...* (Sai.)

CENA XII

Abel e Helena

Abel (Contemplando-a.) — Como é bonita, ó minha casta Helena! Vamos! Ânimo, Abel! o Nicolau está na fazenda e o deus do amor te protege!... (Ouve-se fora, à esquerda, o coro seguinte.)

Coro

— Olá! que vinho tem na adega

Seu Nicolau!

Pode apanhar-se uma broega,
pois não é mau!

Quem saúde ambiciona
tome, com moderação,
de vez em quando uma mona,
de vez em quando um pifão!

Lá lá lá lá lá lá ...

Abel (Durante o coro.) — O que é isto? (Vai olhar pelo buraco da fechadura.) Estão ceando. Que grande patuscada! (Deixa a fechadura e ajoelha-se perto de Helena.)

Helena (Despertando.) — Abel! Tu aqui?!...

Abel — Sim, sim, o teu Abel!

Helena — Mas... estarei sonhando?

Abel (À parte.) — O que diz ela?

Helena — Sim... é o sonho que ainda agora pedi ao padre...

Abel — Um sonho! Muito bem! Confunde-me com um sonho... (Helena ergue-se maquinalmente. Abel condu-la à boca de cena.)

Dueto

Helena — O céu já me enviou o sonho celestial que o padre suplicou!

Que prazer vou sentir!

Que sonho venturoso Helena vai fruir

Juntos — Céus! Ai! Que sonho, que sonho de amor!

A noite dá-lhe seu mistério...

A noite dá-lhe seu favor...
Sinto um contentamento etéreo!
Ai! que gentil sonho amor!
Céus! ai! que sonho, etc.

Helena — Repete, ó Abel, e me farás feliz...

Diz — Eu te amo; — diz e rediz!

Pois te quero seguir...

Abel — Seguir-me, minha Helena?

Helena — A casa em que nasci, por ti deixo sem pena.

Mas... tu não me abandonarás?

Abel — Ó minha bela, tal suspeita do coração não vem direita!

Revoga-a já e já, com beijos ao rapaz!

Helena — Quantos então!

Abel — Só três...

Helena — Na mão?

Abel — Não, não, não, não; porém no rosto, de perfeições almo composto, que vida e morte a um tempo dá!

Oh! dá-me, dá-me beijos!

Satisfaz meus desejos!

Helena — Se não é mais que um sonho... vá lá...

(Deixa-se beijar.)

Juntos — Céus! Ai! Que sonho de amor, etc.

Helena — Agora, ó meu Abel...

Abel — Ó minha Helena, agora... é fugir

Helena — Fugir!

Abel — Sem demora! Não há tempo a gastar... o trem já vai chegar...

Helena — Serás meu bom amigo?

Abel — Sim!

Helena — Não mangarás comigo?

Abel — Não!

Um protetor em mim terás, ó coração!

Amanhã de manhã, manhã pura e serena, esplêndida louçã,

Um padre que eu cá sei casar-nos-á, Helena...

Esposos, meu amor, seremos amanhã!

Helena — Amanhã?

Abel — Amanhã...

Deixa portanto, Helena, a sala do engomado, e vem, longe daqui, seguir teu namorado!

Helena (Apoderando-se da trouxa que está embaixo do canapé.) — Se não é mais que um sonho... vá lá...

Juntos — Céus! Ai! Que sonho, que sonho de amor!

A noite dá-lhe seu mistério...

A noite dá-lhe seu favor...

Sinto um contentamento etéreo!

Ai, que gentil sonho de amor!

Céus! ai! que sonho etc.

(Terminado o dueto, Helena deita sobre os ombros uma manta e dispõe-se a sair com Abel, pelo fundo, quando a porta se abre de repente e surge Nicolau que solta um grito.)

CENA XIII

Os mesmos e **Nicolau**

Helena (Caindo, confundida, nos braços de Nicolau.) — Dindinho! Oh! Então não era um sonho! (Atira para longe a trouxa.)

Nicolau (Deixando cair por terra todos os preparos de viagem com que saíra no final do primeiro ato.) — Um sonho! Eu é que estou a sonhar!

Helena — Vossemecê fez boa viagem, dindinho?

Nicolau (Procurando ver Abel, que Helena trata de esconder.) — Fiz... fiz... Mas aquele sujeito...

Helena — Os negros já estão acomodados?

Nicolau — Já... já... É o senhor...

Helena — E qual foi o motivo do levantamento?

Nicolau (Tirando Helena da frente de Abel.) — Ah! é o senhor?! Veio cá decifrar uma charada?

Helena — Esteve sempre de saúde? Caçou muito por lá?

Nicolau — Eu cá sei o que cá sei...

Helena — O que caçou?

Nicolau — Eu cá sou muito tolo: a dar resposta. (Gritando.) Aqui d'el rei! Aqui d'el rei!...

Abel — Cale-se! O senhor é um imprudente!

Nicolau — Eu cá sei o que cá sou! (Gritando.) Aqui d'el rei! Aqui d'el rei!... O senhor Abel... Qual Abel nem meio Abel! De hoje em diante só o hei de chamar de Caim! O senhor Caim não pode dotar a ofendida; pode? Não pode! Logo — aqui d'el rei! Ó de casa!

Helena — Olhe que estão visitas! (Tira a manta.)

Nicolau — Ah! Estão... Melhor! (Vai abrir a porta.)

Abel — Vem tudo aí! Sai cá um barulho...

Nicolau — Eu cá sei o que cá sai! Mas que é da Marcolina?...

Final

Nicolau (Gritando.) — Vem cá, ó Marcolina! Aqui!

Helena — Ó que imprudente

Abel — Vai sair cinza incontinente!

Helena — Meu Deus! Meu Deus! estou metida em bons lençóis! (Desmaiando. ABEL corre para junto dela.)

Nicolau — Aqui d'el rei! aqui d'el rei! aqui d'el rei! Que dois heróis!

CENA XIV

Helena, Abel, Nicolau, Pantaleão, Cascais, Pedrinho, Benjamin, Juca Sá, Alferes Andrade, Góis & Companhia, Marcolina e Visitas

(Os homens, menos Cascais, vêm ligeiramente alcoolizados.)

Pedrinho —Olá! Que vinho tem na adega

Seu Nicolau!

Pode apanhar-se uma broega, pois não é mau!

Quem saúde ambiciona tome, com moderação de vez em quando uma mona,

de quando em vez um pifão!

Lá lá lá lá lá lá lá...

Pantaleão (Dando com Nicolau.) — O Nicolau!

Todos — Olá!

Nicolau (Tragicamente.) — O Nicolau cá está!

(Agarrando Marcolina pelo pulso e trazendo-a à boca de cena.)

— Helena ia fugir co'aquele sedutor!

Responde já, ó Marcolina, tu, que eras a guarda da menina: que foi feito de seu pudor?

Todos — Que foi feito de seu pudor?

(Nicolau deixa, furioso, o braço de Marcolina que foge para o fundo.)

Nicolau — Sim, seu pudor?

Alguns — Ora! o pudor!

Todos — Ai! o pudor!

Você não deve estar zangado, pois, de algum modo, é o mais culpado!

Nicolau — Pois sou culpado?

Helena (Tornando a si, e aproximando-se do padrinho.) — Qualquer parente que, estando ausente em casa entregue a si deixou linda afillhada enamorada entrar não deve como entrou.

Bem procedido tinha um marido assim chegando de supetão: mas meu dindinho devagarinho não entra em casa um solteirão!

Todos — Mas, ó dindinho devagarinho não entra em casa um solteirão!

II

Helena — Que o namorado desconfiado observe a bela sem descansar; pai ciumento em mau momento filha querida possa encontrar noivo zeloso e cauteloso queira por gosto ser espião: mas, meu dindinho devagarinho não entra em casa um solteirão!

Todos — Mas, ó dindinho devagarinho não entra em casa um solteirão!

Nicolau — Bem: mas se meus amigos são, mandem-no embora a pescoção!

Pantaleão — É já! É já... Seu professor, seu proceder me causa horror!

Abel — Ir-me daqui sem minha bela!

Então, senhores meus, então, voltarei noutra ocasião, e irei com ela! e irei com ela!

Todos — Vai-te, ó sedutor!

Vai-te, parlapatão!

Helena (Baixo a Abel.) — Oh! vai-te! meu amor te seguirá...

O meu amor seguir-te-á...

Danados estão!

Vê que olhar tão furibundo!

Capazes que são
de mandar-te pr'outro mundo!

Abel — Sim! Sou fanfarrão!

Pois aqui, só num segundo sou capaz, verão! De matar a todo mundo

Coro

Ó que fanfarrão!

Ó que professor imundo!

O parlapatão

quer matar a todo mundo!

Abel (Fazendo os gestos indicados nos seguintes versos.) — Eu sou capoeira!

Não me assustam, não!
Passo um rasteira: tudo vai ao chão!
Puxo um canivete pra desafiar!
Ai, que pinto o sete!
Mato dezessete e vou descansar!...

Coro

— Feroz punição
vamos dar ao badameco!
Merece ladrão
ser corrido a peteleco!

(Procuram todos evitar Abel, que se mostra satisfeito de seu triunfo.)

Pantaleão (A Abel.)— Ai, não se perfile,

file, file, file!
Não temo a você!
Não se rejubile,
bile, bile, bile,
pois não tem de quê!

Coro (Perseguindo a Abel.)

—Ai, não se perfile,
file, file, file, etc.

Abel — Sou eu que direi: Ai não se perfile

file, file, file!

(Grande disputa em que só não tomam parte Helena e Cascais, que tentam, em vão, apaziguar os ânimos.)

Coro

— Feroz punição
vamos dar ao badameco!
Merece o ladrão
ser corrido a peteleco!

(Abel retira-se pelo fundo, ameaçando sempre, e Helena desmaia nos braços de Marcolina.)

[(Cai o pano)]

ATO TERCEIRO

QUADRO QUARTO

O TREM DE FERRO

Estação da estrada de ferro (espécie de alpendre). À esquerda um balcão em que se vendem vinhos e pastéis. Ao fundo a estrada. Paisagem em perspectiva. Quadro animado; uns bebem e outros comem.

CENA I

Pedrinho, Benjamin, Juca Sá, Góis & Companhia, Alferes Andrade e Povo

Coro

— Comer! Beber!

Viva o prazer!
Aproveitamos nossa idade!
Brincar! Folgar!
Quem não gostar
de ser assim, que vá ser frade.
Beber! Comer!
Viva o prazer!

Recitativo

Pedrinho — O tal Nicolau é da pá virada!
É um trapalhão!

Todos — Ninguém diz que não!

Pedrinho — Contrariando o professor, deu grandessíssima patada, por isso que irritou um deus chamado — Amor!

Voltas

I

Abel ama a Dona Helena...
Não lhe vejo nenhum mal

Todos — Abel ama a Dona Helena...
Não lhe vemos nenhum mal!

Pedrinho — Quer casar-se coa pequena: isso é muito natural!
Mas o grande Nicolau não quer dar-lha nem a pau.

Ah! Ah!

Passa fora, Nicolau!

Passa fora, meu patau!

Todos — Passa fora, Nicolau!

II

Pedrinho — Por orgulho, que apoquentá, não quer dar-lha por mulher!

Todos — Por orgulho, que apoquentá, não quer dar-lha por mulher!

Pedrinho — Presunção e água benta cada qual toma a que quer e...

Quer ele queira, quer não, marido e mulher serão!

Ah! Ah!

Passa fora, Nicolau!

Passa fora, meu patau!

Todos — Passa fora, Nicolau!

Pedrinho — Mas, enfim, o que resolveu o Nicolau?

Benjamin — Há casamento?

Góis — Fuga?

Companhia — Surra?

Alferes Andrade — Qual fuga nem surra! Não há nada disso!

Góis — Corre por toda a freguesia... Mas ao que corre pela freguesia não podemos dar ouvidos...

Pedrinho — Se aqui estivesse o vigário, diria: Vox populi...

Alferes Andrade — Mas o que corre pela freguesia, seu Góis & Companhia?

Góis — Góis & Companhia somos nós dois, eu e este. Eu só sou o Góis.

Companhia — E eu a companhia.

Benjamin (Ao Alferes.) — Assim como do senhor pode-se também dizer: Alferes & Companhia..

Alferes Andrade (Tirando a espada.) — Qual é a companhia?

Benjamin — Qual há de ser? A durindana...

Alferes Andrade — Ah! (A Góis.) mas vamos: o que é que corre?

Góis — Corre por toda a freguesia que, no trem das oito e três quartos, Dona Helena vai para a corte, em companhia de um frade que a tem de vir buscar.

Pedrinho — Não sei se é isso um maranhão, mas, com certeza, é o motivo pelo qual nos achamos aqui todos reunidos: confessem!

Góis — Deixe-se disso! Sempre foi costume encher-se a estação de gente.

Pedrinho — Eu nunca vi aqui nem você nem seu sócio...

Alferes Andrade — Está visto que, se não viu um, não podia ver o outro...

Benjamin — Ora até que afinal o Alferes disse uma coisa quase com graça!

Alferes Andrade (Brandindo a espada.) — Quase!

Pedrinho — Seu Alferes, quero dar-lhe um conselho.

Alferes Andrade — Dar ou receber?

Pedrinho — Ouça primeiro e depois esbraveje à vontade...

Todos — Ouça, seu Alferes, ora ouça!

Alferes Andrade — Vocês tomaram-me à sua conta! Deixem estar que eu os ensinarei!

Pedrinho — O conselho é este: deite fora a bainha de sua espada.

Alferes Andrade — Por quê? Então não está nova?

Pedrinho — Não é por isso: é porque de nada lhe serve a bainha! A lâmina não pára dois minutos lá dentro.

Alferes Andrade — Menino! (Brande furioso, a espada, que tem conservada em punho.)

Pedrinho — Então! O que dizia eu? Lá está de espada em punho!

Todos — Ah! Ah! Ah!

Alferes Andrade — Protesto! Já estava fora da bainha!... Já estava fora da bainha!...

Todos — Ah! Ah! Ah!

Pedrinho — O que vale é que, se o chanfalho não leva muito tempo na bainha, também na mão... É só mandá-lo guardar!

Todos — Guarde, guarde o chanfalho!

Alferes Andrade (Guardando tranqüilamente a espada.) — Vocês pedem com tão bons modos...

Góis — Seu Alferes não é mau rapaz...

Companhia — Tem suas coisas... Ora! Quem não as tem?

Juca Sá — No fundo é um bom moço...

Alferes Andrade — Pois não se fiem muito! Um dia faço aqui uma estalada! Vocês não me conhecem!

CENA II

Os mesmos e **Cascais**

Cascais — Dominus vobiscum!

Pedrinho — Ora aqui está o senhor vigário, que é quem nos pode explicar a coisa.

Cascais — Que coisa?

Pedrinho — O que há e o que não há sobre Dona Helena?

Cascais — E o que têm vocês com isso?

Benjamin — Interessa-nos a sorte dessa desventurada senhora.

Cascais — Já que querem com tanta instância saber da vida alheia, o caso é este...

Pedrinho — Atenção!

Cascais — Dona Helena deixa o lar paterno.

Alferes Andrade — Paterno, não: padrinhero!

Benjamin — Bico, Seu Alferes!

Alferes Andrade — Ora bolas! o lar é do padrinho!

Pedrinho — Mas Dona Helena casa-se ou não se casa com o mestre-escola?

Cascais — Nada.

Alferes Andrade — Então o mestre-escola que se casa com ela?

Góis — Seu Alferes, não interrompa!

Alferes Andrade (Com força.) — Não me interrompa você!

Cascais — Dona Helena vai entrar para um convento.

TODOS — Ah!

Pedrinho — Mas como pode isto ser? Quem a pode obrigar a meter freira?

Companhia — Ela é maior...

Benjamin — É até maior do que eu!

Alferes Andrade — Vocês é que estão interrompendo; não sou eu!

Cascais — Quem a pode obrigar? O padrinho! *Regis est imperare.*

Pedrinho — Ouvimos dizer que vinha um frade buscá-la; é para levá-la ao convento?

Cascais — Adivinhou.

Alferes Andrade (À meia voz.) — Ela, então, vai entrar para um convento de frades?...

Cascais — Nada: o frade leva-a para um convento de freiras.

Benjamin — Mas por que não a leva o Nicolau em pessoa ao convento?

Juca Sá — Em vez de entregá-la a um estranho?

Cascais — Vocês bombardeiam-me com perguntas!

Alferes Andrade — Pois bombardeie-nos com respostas!

Cascais — Não é um estranho tal: o Nicolau me disse que não tinha ânimo de levar a afilhada para a cidade e lá deixá-la metida entre quatro paredes; confrangia-se-lhe o coração... Pediu-me que me encarregasse disso.

Companhia — Pobre Nicolau!

Alferes Andrade — E então?

Cascais — Recusei por dois motivos: primo, não podia abandonar a freguesia. (Tenho medo de uma ex-informata que me pelo) secundo, quem me visse em companhia de uma senhora, poderia fazer um juízo desairoso, tanto para mim como para ela.

Alferes Andrade — E o terceiro?

Pedrinho — Como o terceiro? Eram só dois!

Cascais — Há; ainda há um terceiro.

Benjamin — Vejamos.

Cascais — Tercio, Dona Helena, me quereria mal, se fosse eu que a levasse para o convento...

Alferes Andrade — Bem pensado. E o quarto?

Cascais — Não há mais.

Alferes Andrade — E o quinto?

Cascais (Encarando-o) — O quinto é que você é um tolo!

Alferes Andrade — Ora é boa! Podia não haver um quarto, mas haver um quinto...

Cascais — Então, pediu-me o Nicolau que lhe lembrasse um alvitre qualquer, que fosse eficaz. Disse-lhe que havia na corte um frade, amigo meu de velha data e pessoa de maior confiança, que viria buscar Dona Helena, se lho eu pedisse por meio de uma cartinha.

Pedrinho — E o Nicolau aceitou a alvitre?

Cascais — Aceitou. O frade entrega-a à superiora do convento, que já está prevenida para recebê-la e competentemente autorizada. Deo Gratia.

Pedrinho — Isso é inverossímil! Isto só se vê em comédias!

Alferes Andrade — Ou em paródias!

Cascais — Pois é a pura verdade. Eu sou como o outro. A Deo veritatis diligens era, ut ne loco quidem mentiretur... Ora adeus! Vocês não sabem disso; estou perdendo meu latim...

Alferes Andrade — Mas é uma maldade roubar uma deidade à sociedade e entregá-la a um frade para levá-la para a cidade! É uma atrocidade!...

Cascais — Oh! Senhor Alferes! quanta rima perdida! Quando quiser dizer versos, previna a música: cante-os.

Pedrinho — Rapaziada, vamos dar uma volta; o trem ainda se demora um quarto de hora.

Benjamin — Contanto que não deixemos de ver o frade!

Alferes Andrade — Voltaremos. Vamos, vamos dar uma volta; eu também não sei estar parado.

Pedrinho — Irá, com a condição de não puxar a espada em caminho...

Alferes Andrade — Vocês tomaram-me à sua conta; vocês não me conhecem!

Todos — Até logo, senhor vigário.

Benjamin (Batendo com liberdade no ombro de Cascais.) — Até logo!

Cascais (Tomando-o pelo braço.) — Menino, adolescentis est majore nutu vereri...

Benjamin — Fiquei na mesma.

Cascais (Recomeçando.) — Adolescentis,,,

Todos — Vamos! Vamos! (Saem.)

(Alguns têm já se retirado pouco a pouco da cena. A orquestra toca em surdina o estribilho das voltas cantadas por Pedrinho na cena primeira. Cascais fica só.)

CENA III

Cascais [Só]

[**Cascais**] (Dirigindo-se ao público com toda naturalidade.) — Os senhores hão de estar lembrados daquela cartinha que recebi de meu irmão no primeiro ato. Pois bem: ouçam a resposta. (Tirando uma carta e lendo.)

“Meu mano e prezado amigo,
estimo que passes bem,
pois é o que se dá comigo
e coa comadre também .
Os pequerruchos vão indo,
mas muito mal, caro irmão:
com coqueluche o Clarindo
e o Nho-nhô com dentição”

(Declama.)

— Isto não, intimidades. Inter amicus...(Continuando.)

“Recebi a tua carta
com data de vinte e três
e vou, antes que o trem parta,
respondê-la, como vês.
Não quero que seja diverso
o meu sistema do teu:
como escreveste-me em verso,
em verso respondo eu.
O Abel, teu recomendado,
há dias pra lá voltou;
foi demitido (coitado!)
do cargo que abiscoitou.
Não pode cantar vitória,
nada pode conseguir;
que ele te contasse a história
é muito de presumir...
Se tirá-la por justiça
decerto a pequena vai,
de volta de alguma missa,
que só é quando ela sai.
Que ao tutor ninguém dissuade,
tenho de mim para mim,
pois quod natura dat...
não sei se sabes latim.
Não posso ser mais extenso:
vou minha missa dizer;
ex-informata suspenso,
caro irmão não quero ser.
Lembranças cá da comadre,
não só a ti, como aos mais,
teu irmão e amigo, o Padre
Bernardo Teles Cascais”

(Declama.) — Há um post-scriptum, mas não vem ao caso. Enfim... (Lendo.)

“Post scriptum: É um dos maiores
o calor que faz aqui
por isso em trajos menores
desculpa escrever-te a ti”.

(Guardando a carta.) — Esta resposta, tinha-a eu escrito ontem. Ia deitá-la no correio, quando encontrei o Nicolau que me pediu um meio para mandar a afilhada para o convento. Lembrei-me, então, de que o Abel poderia muito bem passar por frade barbadinho, e arranjei uma farsa... Em vez de mandar esta carta a meu irmão, escrevi uma outra a Abel, dizendo que se apresentasse hoje, no trem que vai chegar, com o competente disfarce, e... O resto adivinha-se... Não me posso sair bem desta brincadeira: o Nicolau há de cair-me em cima como uma bomba, bumba! Mas, com meios brandos e suasórios, tudo conseguirei...

CENA IV

O mesmo e **Pantaleão**

Pantaleão — Andava à sua procura, padre. Como passou?

Cascais — Doente.

Pantaleão — Doente?

Cascais — Ou velho: *senectus est morbus*. O que deseja?

Pantaleão — Falar-lhe sobre este maldito acidente...

Cascais — Da pequena?

Pantaleão — Sim.

Cascais — O que quer que lhe faça? *Mortus est pinto in casca*.

Pantaleão — É preciso que o compadre se esqueça de mandar Dona Helena para o convento.

Cascais — A boas horas lembra-se você disso...

Pantaleão — Como assim?

Cascais — Você pintou...

Pantaleão (Formalizado.) — Eu não pinto, padre!

Cascais — Não se precipite! Não quero dizer que o senhor pinta o padre! — Você pintou... ao Nicolau todo este negócio com as mais negras cores e, como delegado da instrução pública, arranjou a demissão do pobre rapaz; Dona Helena há de agradecer-lhe...

Pantaleão — E quem se encarregou de chamar o frade? Dona Helena há de agradecer-lhe!

Cascais — Não estejamos a trocar palavras, Senhor de los Rios; resolvamos alguma coisa!

Pantaleão — O que há de ser?

Cascais — Em vindo o Nicolau, chamemo-lo de parte...

Pantaleão — E...

Cascais — Toca catequizá-lo! Tais considerações faremos...

Pantaleão — Tais argumentos apresentaremos...

Cascais — Aí vem ele e a pequena. (Afastam-se.)

CENA V

Os mesmos, **Nicolau** e **Helena**

Nicolau (Sem dar com a presença de Cascais e Pantaleão.) — “Oh! Então não era um sonho!” É esta frase, Helena, é esta frase que espero que você me explique!

Helena — Dindinho!

Nicolau — Você é uma sonsa! Pode vir com esses modos de santinha de pau carunchoso: não tomo nada!

Helena — Dindinho!

Nicolau — Não tomo nada, ouviu?! Não tomo nada!...

Helena — Pois bem, já que não toma nada, tome lá este pião à unha...

Nicolau — Hein?

Helena — De hoje em diante quero viver sobre min!

Nicolau — Olé!

Helena — Ah! Supõe que não sei que estou emancipada por lei?...

Nicolau — Olá!

Helena — Até hoje tenho passado por tola!

Nicolau — Olé!

Helena — Mas de hoje em diante hei de mostrar quem sou!

Cascais (a Pantaleão.) — *Scintilla excitavit incendio!*

Nicolau — A Senhora Dona Helena como deita as manguinhas de fora!

Helena — Onde me levam? Para que me obrigam a arrumar bagagem? O que venho fazer à estação do caminho de ferro?...

Nicolau — Não é da sua conta!

Helena — Tome sentido, dindinho!

Nicolau — Olé!

Helena — Vossemecê não me conhece!

Nicolau — Olá!

Pantaleão (Intervindo.) — Então! Então!... O que é isto, compadre?...

Cascais (Idem, à Helena.) — O que está fazendo, Dona Helena? (Baixinho.) Não grimpe! Obedeça passivamente... Ele quer mandá-la para um convento! Vá, vá sem respingar.

Helena — Mas...

Cascais — Fie-se em mim: *amicus certus in re incerta cernitur*.

Nicolau — Desavergonhada! Faltar-me ao respeito!

Cascais (Deixando Helena e dirigindo-se a Nicolau.) — Dona Helena acaba de significar-me seu arrependimento...

Helena (Humildemente.) — É verdade, dindinho: esqueci-me por um momento do quanto lhe devo. Perdoe.

Pantaleão — Perdoe.

Cascais — Perdoe.

Helena — Perdoe.

Nicolau (Sombrio.) — Perdão.

Coplas

I

Helena — Não sou culpada, ó meu dindinho:

nunca fui mais pura que sou:
não me perdeu do bom caminho
este amor que cá dentro entrou.
Ai! tomo o céu por testemunha,
queira ou não queira acreditar:

quando eu ia fugir, supunha
dormisse a bom dormir, sonhasse a bom sonhar!

Se, por um sonho só, retira-me a amizade,
o que fará então pela realidade?...

II

Nos sonhos dão-se circunstâncias,
que se não podem revelar...
Eu já sonhei — que extravagâncias! —
eu já corei, mesmo a sonhar...
Fosse punido quem as sonha:
Helena, onde estarias tu?
Ou em Fernando de Noronha,
ou presa em Catumbi, ou morta no Caju.

Se, por um sonho só, retira-me a amizade,
o que fará pela realidade...

Nicolau (Depois de pequena pausa.) — Fiquei na mesma.

Cascais (a Pantaleão.) — Este seu compadre é muito tapado!

Pantaleão (Com acatamento, a Cascais.) — Não costumo desmentir os ministros de Deus...

Cascais — Ó seu Nicolau, diga à menina que vá sentar-se àquela sala. Nós temos que falar-lhe em particular...

Nicolau — A quem? a ela?

Cascais — Nada; a você. (a Pantaleão, enquanto Nicolau acompanha Helena, que se retira para a direita.) — É preciso resolver o homem a abdicar da idéia do convento.

Pantaleão — Faremos o possível.

Cascais (À parte.) — Se terminar tudo na santa paz do Senhor, minha responsabilidade ficará salva.

CENA VI

Cascais, Pantaleão e Nicolau

Nicolau (Voltando.) — Sim, senhores: a rapariga tem me feito suar o tapete... quero dizer, o topete!

Pantaleão — A culpa é sua!

Cascais — Pode dizer: Mea máxima culpa.

Nicolau — Então, por quê?

Cascais — Decerto! Quem é que se lembra de mandar uma rapariga para o convento em pleno 1877!

Nicolau — Lembro-me eu! Oh! Deixem-na estar, deixem-na estar, que o convento há de ensiná-la! uma rapariga que sabe o código! Depois, eu cá tenho minhas tenções...

Pantaleão — Ah!

Nicolau — Passados cinco anos, tiro-a do convento. Há de vir de lá um modelo de virtudes...

Cascais — Há de vir de lá fazendo muito boa goiabada...

Nicolau — Venha como vier: virtuosa ou quituteira, ou quituteira e virtuosa ao mesmo tempo... (Observando a impressão deixada por suas palavras nas fisionomias de Pantaleão e Cascais.)... caso-me com ela!

Pantaleão — Hein?

Cascais — Casar o padrinho com a afilhada!

Pantaleão — Ah! Ah! Ah!

Cascais (Benzendo-se.) — Abrenuntio!

Pantaleão — Ah! Ah! Ah! Que lembrança!

Cascais — Pois você não vê que tem mais do dobro da idade de sua afilhada?

Nicolau — Mas daqui até lá, ela já tem vivido mais cinco anos.

Cascais — E você fica parado durante todo esse tempo?

Nicolau — É verdade...

Pantaleão — Vamos, vamos! Pense bem, compadre!

Cascais — Não contrarie o amor de Dona Helena!

Pantaleão — A liberdade, compadre, a liberdade!

Terceto

Pantaleão — Hoje, que o tempo é só de liberdade, da lei do elemento servil. tu vais meter num claustro da cidade

Helena, a moça mais gentil!

Cascais — Poupe à menina essa desgraça!

Pantaleão — Tem dó de Dona Helena.

Cascais — Um convento é prisão onde não morre o coração

Nicolau — O que vocês querem que eu faça?

Pantaleão e Cascais — Hoje, que o tempo é só de liberdade, da lei do elemento servil. tu vais meter num claustro da cidade

Helena, a moça mais gentil!

Nicolau — Eu vou meter num claustro da cidade

Helena, a moça mais gentil!

Cascais — Se p'rum convento a pobre entrar há de bem cedo se finar...

Pantaleão — E se acaso morrer a Dona Helena, o responsável será tu, pois és tu só quem a condena!

Cascais — Sim, é você! Pobre pequena!

Seu Nicolau, há de sentir fatal remorso, atroz pungir!

Pantaleão — Ouve lá, de um amigo velho, salutaríssimo conselho:

I

Juntos- Já os conventos não têm crédito,
não dão exemplo de moral;
Diz a Gazeta de Notícias
que de um dos tais (não sei de qual)
saltaram três freiras intrépidas
— caramba! — os muros do quintal!

II

Chame o Abel; não seja ríspido,
e deixa correr o marfim...
Com o casamento e sem escândalo,
há de ter tudo airoso fim.
Se tal fizer, cheios de júbilo,
hemos de dançar todos assim! (Dança.)
Nicolau,
para que hás de ser assim tão mau?!

Pantaleão e Cascais — Nicolau para que hás de ser assim tão mau?!

Nicolau — Não sou mau!

Nunca fui, não sou, nem serei mau!...

Cascais — É bom refletir bem!

Pantaleão — Convém pensar melhor!

Cascais — A reflexão é o que convém...

Pantaleão e Cascais — O casamento é dos males o menor... reflita bem, reflita bem!

Pantaleão — Ele hesita...

Cascais — Ele hesita...

Pantaleão e Cascais — Ó que padrinho austero!

(Examinam Nicolau, que reflete profundamente.)

Nicolau (Decidindo-se) — Não quero...

Pantaleão e Cascais — Se você manda a moça pro convento, arrepender-se-á! É natural que ela perca moral cento por cento saltando o muro do quintal...

Nicolau — Se eu mando a rapariga pro convento, não hei de arrepender-me! É natural que ela ganhe em moral cento por cento; não salte o muro do quintal...
(Dirigindo-se, ora a Cascais, ora a Pantaleão.)

— Dessas razões, padre, compadre,
a mim bem pouco se me dá!
Freira há de ser, compadre, padre!
Disse e direi, ora aqui está!
Há de ser freira! há de ser freira!

Pantaleão — Isto é que é: queira ou não queira!

Pantaleão e Cascais — Teimar assim desta maneira eu vejo, enfim, a vez primeira!

Juntos.

Pantaleão e Cascais — Se você manda etc.

Se você manda etc.

Nicolau — Se eu mando etc.

Nicolau (a Pantaleão.) — Compadre, ponha o negócio em si: se sua filha estivesse no lugar de Helena, você não a mandava para o convento?

Pantaleão - Minha filha! Deus me livre! Minha mulher, vá... **Nicolau** — Mas você mesmo foi que me aconselhou...

Pantaleão — Refleti.

Cascais — Mas, enfim, em que ficamos?

Pantaleão — Sim.

Nicolau — Como?

Cascais — A menina vai?

Pantaleão — Vai, compadre?

Nicolau — Com padre não; vai com frade.

Cascais — É sua última palavra?

Nicolau — É minha última palavra!

Cascais (Avança solenemente para Nicolau e desconserta-se.) — Diabo! Não me lembra um trecho latino a propósito...

CENA VII

Os mesmos, **Alferes Andrade, Góis & Companhia, Pedrinho, Benjamin, Juca Sá e Povo**

Pedrinho — Está aí o trem!

Benjamin — Lá vem! Lá vem!

Cascais — Já o trem?

Todos — Já! O trem! Ele aí vem! etc.

Coro Geral

— Co'alvoroço o
trem de ferro
corre já
para cá!

(Ouve-se ao longe o silvo da locomotiva.)

Eu já ouço-o!
Ai! que berro!
Sem tardar

vai chegar.
Da cidade
vem um frade
receber
uma mulher!
Ei-lo já;
já parou;
aqui está;
já chegou!

(Durante os últimos versos, um trem de ferro vem, da esquerda, parar em frente à estação. Entre alguns passageiros que saem e desaparecem, desce à cena Abel, disfarçado em frade. Barbas longas e grisalhas, óculos e capuz. Cercam todos o frade. Durante a cena seguinte, movimento de passageiros etc.)

CENA VIII

Os mesmos e **Abel**

Coro

— Ó reverendo, este povinho
só para vê-lo é que aqui está,
pois dantes nunca um barbudinho
por cá passou, passou por cá.

Tiroleza e coro

I

Abel — Eu, antes de mais nada, participo, caríssimos irmãos, que sou um tipo!
Ai! tenho muito horror ao cantochão...
Pesar de frade ser, sou muito folião!
— Sou }

Abel e Coro } muito folião, pesar de frade ser!
— É }

Abel — A cantar e a dançar tudo aqui quero ver!
Coro — A cantar e a dançar ele aqui quer nos ver!

Abel — Lá lá itu, lá lá lá lá!
Coro — Lá lá itu, lá lá lá lá!
(Dança geral e desenfreada.)

II

Abel — O meu sistema a todo mundo espanta; mas quem não gosta de pintar a manta?

Quem assim fala hipócrita não é!
A mesmíssima coisa eu fiz em Taubaté!...
— Sou }

Abel e Coro } muito folião, pesar de frade ser!
— É }

Abel — A cantar e a dançar tudo aqui quero ver!
Coro — A cantar e a dançar ele aqui quer nos ver!

Abel — Lá lá itu, lá lá lá lá!
Coro — Lá lá itu, lá lá lá lá!
(Repetição da dança.)

Cascais (Baixinho a Abel, apertando-lhe a mão.) — Olha que esse modos não são próprios de um frade!

Abel (No mesmo.) — Foram copiados do natural...(Alto.) Il signore Nicolau? Onde está Il tutore de la fanciulla?

Nicolau (Que tem ido comprar bilhetes de passagem.) — Estou aqui, Reverendíssimo, estou aqui! Tome Vossa Reverendíssima os cartões de passagem e esta carteira com que muito mal desejo gratificar seus bons serviços.

Abel — Grazia. Aceito i biblietti, ma il denaro no. Noi altri, ministri de l'altare, siamo tropo... tropo... lo parlo mal is portoghese... siamo tropo ... desinteressati.

Nicolau — Oui, monsieur, merci

Cascais (À parte.) — Aquilo será tudo, menos italiano.

Alferes Andrade (a Pedrinho.) — Aquilo é que é língua! O italiano, oh! o italiano! La dona é mobile qual piuma al vento!

Abel — Má onde está metida la sorella que devo conducire al claustro? (Apontando para uma mulher do povo.) É questa dona?

Nicolau — Nada.

Abel — É questa?

Nicolau — Nada, nem questa também. Minha afilhada está ali; vou buscá-la. (Saída falsa.)

(Ouve-se ao longe a locomotiva.)

Cascais — E não há tempo a perder, porque já se ouve o silvo do trem que os deve levar.

Abel (Baixo a Cascais.) — Então? que tal estou?

Cascais (a Abel.) — Muito bom, homem; você está muito bom! Mas o italiano está melhor.

Abel (a Cascais.) — Que italiano? (Procurando em volta de si.) Ah! Sim! o italiano que eu falo! (Outro tom.) Ainda nos havemos de ver.

Cascais — Assim o espero.

Nicolau (Voltando.) — Vem, minha filha, vem.

Abel (Contemplando Helena, que ainda não aparece ao público.) — Ah! ecco la sorella! Oh! cielo, si giovani, cosi linda, già desterrata em um claustro! Povera fanciulla! Má, enfim, andiamo! andiamo presto. (Aparece Helena.)

Cascais (À parte.) — Finis coronat opus!

CENA IX

Os mesmos e **Helena**

Final

Coro

— Ela aí vem! É ela!

Ela vem para cá.

Meu Deus, como é bela!

Mas tão triste está!

(Durante este coro, chega outro trem, em sentido contrário ao primeiro. Movimento de passageiros, etc.)

Helena — Ouvi, suponho, voz amiga, que nunca mais me sai de cá. (Do coração.)

Nicolau — Para o convento é seguir já, com este frade, ó rapariga!

Bem caro vai pagar-me o mal que me causou.

Alguns — O mal que lhe causou!

Helena — Ir pro convento! Não! Jamais! Eu lá não vou!...

(Gesto de impaciência de Cascais.)

Abel — Io lá parlaré!

Pedrinho — Que lhe dirá o frade?

Alguns — Sim, sim! que lhe dirá?

Abel — Il cielo inspirerá!

(Baixinho a Helena.)

Pois não viste que este frade era o repelido Abel?...

Helena (À parte, comovida.) - Abel?...

Abel — Vem comigo pra cidade; segue o noivo fiel.

Helena (Com escrúpulo.) — Abandonar o meu dindinho!

Nicolau — Há de partir, que o quero eu!

Pantaleão e Cascais — São só três horas de caminho...

Helena (À parte.) — Vou por meu gosto e pelo seu!

Todos — Vá já, Dona Helena; nos dá muita pena; mas vá!

Vá já!

Nicolau — Então? Vá pro convento!

Assim quero eu!

Alguns — Ó que grande judeu!

Pedrinho — Deus a leve a salvamento!

Cascais (À parte.) — Muito me hei eu rir...

Alguns — O frade é já seguir!

Pantaleão — Vão, embarquem num momento:

Vai partir o trem!

Abel e Helena — É já partir pro convento!

Obedecer convém!

Coro

— Vá para convento,

já neste momento!

Vá para o convento!

Vá com vento em popa! Já!

Vá! Vá! Vá! Vá! Vá!

(Durante o coro, Abel sobre para o trem com Helena, e aparece com ela a uma portinhola.)

Recitativo

Abel — Ó Nicolau, triste papel fizeste em cena: cá levo Helena...

Eu sou Abel!

(Tira o capuz, as barbas e os óculos. Assombro geral.)

Uns — Segue Helena, o professor; segue, segue o teu amor.

Outros (a Nicolau.) — Que maldito professor!

Vingá-lo-emos, senhor!

(Uns riem e outros estão indignados. O Alferes puxa pela espada e corre atrás do trem. Nicolau cai fulminado por um ataque de apoplexia. Confusão.)

[(Cai o pano)]

FIM